

Sofia Boino de Azevedo Lapa

**Para que (nos) serve o museu?
A génese do Museu Calouste Gulbenkian**

Volume 2 - ANEXOS

**Dissertação de Mestrado em Museologia e Património
Orientadora: Professora Doutora Raquel Henriques da Silva**

(MARÇO, 2009)



ÍNDICE

VOLUME 2

ANEXO 1 - Contagem do acervo da exposição permanente do museu Calouste Gulbenkian: 1969-1989-2007 (QUADRO)	2
ANEXO 2 – <i>Objectos incompletos</i> : pesquisa sobre um <i>inro</i> (INV. 1364) (acessório usado sobre o <i>kimono</i> de um japonês) e dois fragmentos de um retábulo flamengo (INV. 79 A e 79 B) no conjunto de publicações/site directamente relacionadas com a Colecção do MCG e editadas, entre 1961 e 2007, pela Fundação Calouste Gulbenkian	38
ANEXO 3 - Contributo para uma biografia de Maria José de Mendonça	45
ANEXO 4 – Exposições temporárias da Colecção do museu da Fundação Calouste Gulbenkian realizadas antes da abertura do museu (1960-1968)	53

ANEXO 1

Contagem do acervo da exposição permanente do Museu Calouste Gulbenkian: Outubro 1969- 1989 - Outubro 2007.

Observações iniciais:

1. Publicações da FCG/MCG que divulgam a totalidade do acervo da exposição permanente:

- **1969, *Museu Calouste Gulbenkian. Roteiro***

O Museu Calouste Gulbenkian abriu ao público no dia 4 de Outubro de 1969. A primeira publicação de apoio directo á visita da exposição permanente foi organizada em três volumes. Os volumes 1 e 2 propõem um roteiro no circuito da Arte Egípcia, Greco-Romana, da Mesopotâmia, do Oriente Islâmico e do Extremo Oriente; o volume 3 é um roteiro no circuito de Arte Europeia.¹

No Roteiro de 1969 a exposição permanente surge dividida em nove secções: o Roteiro 1 (VOLS. 1 e 2) está dividido em quatro secções, e o Roteiro 2 (VOL. 3) está dividido em cinco secções.

- **1975, *Museu Calouste Gulbenkian. Catálogo.***

Em 1975, seis anos após a abertura do museu, foi publicado o primeiro Catálogo geral da exposição permanente do Museu Gulbenkian, com 1029 entradas.²

- **1982, *Museu Calouste Gulbenkian. Catálogo.***

Em 1982 foi publicada a primeira edição do Catálogo do Museu Calouste Gulbenkian, com o texto exactamente igual ao do Catálogo de 1975, mas com reproduções a preto e branco dos 1029 objectos expostos.

- **1989, 2.ªed. corrigida e aumentada de *Museu Calouste Gulbenkian. Catálogo.***

¹ FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN. MUSEU (ed. lit.), *Museu Gulbenkian. Roteiro*, Lisboa: F.C.G., 3 Volumes, 1969. VOL. 1: *Arte Egípcia, Arte Greco-Romana, Arte da Mesopotâmia, Arte do Oriente Islâmico, Arte do Extremo Oriente*; VOL. 2: suplemento do VOL. 1: *Arte Greco-Romana: Numismática*; VOL. 3: *Arte Europeia*.

² FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, *Museu Calouste Gulbenkian. Catálogo*, Lisboa: F.C.G., 1975.

Em 1989 foi publicada uma 2.^a edição corrigida e aumentada do Catálogo do Museu Calouste Gulbenkian publicado em 1982. Apesar de estas duas edições apresentarem o mesmo número de entradas (1029), o texto da 2.^a ed. documenta algumas alterações muito pontuais no acervo da exposição permanente, alterações essas ocorridas entre 1982 e 1989³.

Desde 1989, não voltou a ser criada qualquer publicação que informe sobre a totalidade dos objectos expostos na exposição permanente do Museu. E como durante o encerramento temporário das galerias de exposição permanente⁴ foram feitas

³ No QUADRO que se segue apresento os resultados de uma leitura comparativa, entre a 1.^a ed. (1982) e a 2.^a ed. (1989), das entradas do «Catálogo» do Museu Calouste Gulbenkian, que nos indica a variação do acervo da exposição permanente do MCG entre aquelas duas datas. A indicação da página (pág.) na coluna referente à edição de 1989 corresponde à página onde está a imagem a p/b (o n.º de pág. é igual nas duas publicações).

N.º s de Catálogo	Edições de 1975 (só texto) e 1982 (1. ^a ed com fotos)	Edição de 1989 (2. ^a ed. corrigida e aumentada)
86 A, 86 B e 86 C	Não existem.	Correspondem aos «cilindros-selos» INV. 2320, INV. 2457 e INV. 2321 (VID.: pág. 33 e pág. 185 (fotos))
284	Corresponde aos «seis batentes» INV. 323 Nas fotografias destes «seis batentes» são referidos os n.ºs de catálogo 286 A – 286 F, mas não foram criadas entradas para estes números. (VID.: pág. 53 e pág. 217 (foto))	Corresponde aos «seis batentes» INV. 323 (VID.: pág. 53 e pág. 217 (foto))
284 A	Não existe.	Corresponde à «caixa para penas» INV. 2334 (VID.: pág. 53 e pág. 217 (foto))
411	Corresponde ao «biombo» INV. 1023 (VID.: pág. 71 e pág. 252 (foto))	Corresponde ao «panejamento» INV. 33 (VID.: pág. 71 e pág. 252 (foto))
489	Corresponde ao «panejamento» INV. 1381 (VID.: pág. 78 e pág. 266 (foto))	Corresponde ao «panejamento» INV. 1381 (VID.: pág. 78 e pág. 266 (foto))
596 A, 596 B, 596 C, 596 D, 596 E	Não existem.	Correspondem aos «pratos» INV. 197, INV. 363, INV. 837, INV. 2323. (VID.: pág. 101 e pág. 288 (foto))
1006	Corresponde à tapeçaria «A roda» da armação «Jogos de crianças» INV. 29 C (VID.: pág. 158 e pág. 382 (foto))	Corresponde à tapeçaria «A barca de Vénus» da armação «Jogos de crianças» INV. 29 A (VID.: pág. 158 e pág. 382 (foto))

Apesar de se manter o mesmo n.º de entradas nas duas edições deste Catálogo (1029) podemos desde logo concluir que:

- em termos de número de objectos do acervo: em 1989 estiveram expostos mais 9 objectos do que tinham estado em 1982;
- em termos de rotatividade de objectos do acervo: de 1982 para 1989 foram substituídos 3 objectos do acervo da exposição permanente do mcg.

⁴ O museu esteve encerrado «para obras» durante um período de cerca de vinte meses, entre 3 de Outubro de 1999 e 20 de Julho de 2001.

alterações no acervo, o Catálogo do Museu Calouste Gulbenkian de 1989 ficou desactualizado.

2. Observações sobre as duas publicações de que me servi para elaboração do quadro em que apresento uma contagem do acervo da exposição permanente do MCG

- **1969, *Museu Calouste Gulbenkian. Roteiro.***

O Roteiro de 1969 apresenta uma divisão que não coincide com a divisão da exposição permanente, razão pela qual não é possível determinar através do estudo desta publicação o número de objectos exposto em cada um dos 17 núcleos em que está estruturada a exposição permanente do MCG.⁵

- **1989, 2.^aed. corrigida e aumentada do *Museu Calouste Gulbenkian. Catálogo.***

Através da leitura do Catálogo do Museu Calouste Gulbenkian (2.^a ed. 1989) é possível determinar o número de objectos dos oito primeiros núcleos da exposição permanente.

A partir do núcleo 9, inclusive, a organização das entradas deste Catálogo não coincide com a organização dos objectos por núcleos da exposição permanente.

⁵ No texto de apresentação desta publicação, texto esse comum a cada um dos três volumes deste Roteiro, alerta-se o visitante para o facto de poderem existir desajustes entre a sequência dada à entrada de cada objecto nesta publicação e a ordem dada na montagem desses objectos nas galerias do Museu. VID: [Texto de apresentação], *Museu Calouste Gulbenkian. Roteiro*, VOL. 1, VOL. 2 e VOL. 3, Lisboa: F.C.G., 1969. [o texto de apresentação é igual nos três volumes e ocupa a primeira página, não numerada].

N.º INV. MCG	<i>Roteiro do MCG</i> VOL.1 (1969)	<i>Catálogo do MCG</i> (2.ªed. 1989) N.º CAT.:		Exposto Out. 2007
AE 409 A	[N1] AE 1	[N1] AE 1		[N1] AE S
159	2	2		S
142	3	3		S
138	4	4		S
402	5	5		S
218	6	6		S
139	7	7		S
48	8	8		S
165	9	9		S
160	10	10		S
166	11	11		S
121 A	12	12		S
121 B	13	13		S
129	14	14		S
205	15	15		S
52	16	16		S
164	17	17		S
162 A	18	18		S
162 B	19	19		S
410 A/B/C/D	20	20		S
411	21	21		S
404	22	22		S
400	23	23		S
158	24	24		S
219	25	25		S
399	26	26		S
21	27	27		S
62	28	28		S
168	29	29		S
403	30	30		S
401	31	31		S
167	32	32		S
161	33	33		S
1064	34	34		S
46	35	35		S
163	36	36		S
TOTAL[N1]	36	36		36
AGR CER GR 682	[N2] AGR CER GR 37	[N2] AGR CER GR 37		[N2] AGR S
MOEDAS GR	<i>Roteiro</i> (1969) VOL.2 Anexo ao VOL.1 [398 moedas gregas, não são indicados os N.º	[Não são catalogadas as moedas gregas]	Mário C. Hipólito, <i>Moedas Gregas</i> <i>Antigas. Ouro.</i> <i>Museu Calouste</i> <i>Gulbenkian,</i> Lisboa: F.C.G., 1996. ⁶	

⁶ No «Catálogo» do MCG editado em 1989 (2.ªed.) surge a seguinte indicação: «Numismática Grécia. Publicada em separado». VID.: F.C.G., *Museu Calouste Gulbenkian. Catálogo*, Lisboa: F.C.G., 2.ª ed., 1989, pág. 9.

Em 1996 foi editado um catálogo das moedas gregas da Colecção do MCG. Segundo Maria Teresa Gomes Ferreira, então Directora do MCG: «Com esta publicação [...], o Museu faculta ao público

	s de INV.]			
756			1	S
757			2	Não Exposto
758			3	Não Exposto
171			4	Não Exposto
321			5	Não Exposto
320			6	S
322			7	Não Exposto
323			8	Não Exposto
324			9	Não Exposto
680			10	S
681			11	S
683			12	Não Exposto
682			13	Não Exposto
684			14	Não Exposto
685			15	Não Exposto
686			16	S
687			17	Não Exposto
688			18	Não Exposto
689			19	Não Exposto
690			20	Não Exposto
407			21	Não Exposto
425			22	Não Exposto
424			23	Não Exposto
734			24	Não Exposto
806			25	Não Exposto
813			26	Não Exposto
31			27	Não Exposto
29			28	S
30			29	Não Exposto
38			30	S
37			31	Não Exposto
72			32	Não Exposto
71			33	Não Exposto
380			34	Não Exposto
381			35	Não Exposto
327			36	Não Exposto
328			37	Não Exposto
580			38	S
583			39	Não Exposto
581			40	Não Exposto
584			41	Não Exposto
582			42	S
586			43	Não Exposto
585			44	Não Exposto
589			45	Não Exposto
590			46	Não Exposto
691			47	S
692			48	Não Exposto
693			49	Não Exposto
694			50	Não Exposto
695			51	S
697			52	Não Exposto
696			53	Não Exposto

importantes elementos para a divulgação e estudo das moedas gregas que os cuidados de conservação permitem manter em exposição permanente.» IN.: Maria Teresa Gomes Ferreira, “Apresentação”, Mário C. Hipólito, *Moedas Gregas. Ouro. Museu Calouste Gulbenkian*, Lisboa: F.C.G., 1996, pág. 8.

470			54	Não Exposto
471			55	Não Exposto
601			56	S
699			57	Não Exposto
755			58	S
775			59	S
819			60	S
824			61	Não Exposto
823			62	S
829			63	Não Exposto
828			64	Não Exposto
838			65	Não Exposto
837			66	Não Exposto
840			67	S
839			68	S
861			69	Não Exposto
849			70	Não Exposto
851			71	Não Exposto
862			72	Não Exposto
850			73	Não Exposto
852			74	Não Exposto
863			75	Não Exposto
866			76	Não Exposto
868			77	Não Exposto
853			78	Não Exposto
872			79	Não Exposto
871			80	Não Exposto
860			81	Não Exposto
856			82	Não Exposto
857			83	Não Exposto
858			84	Não Exposto
859			85	Não Exposto
808			86	Não Exposto
814			87	Não Exposto
337			88	Não Exposto
339			89	Não Exposto
340			90	Não Exposto
345			91	Não Exposto
34			92	Não Exposto
43			93	S
42			94	S
44			95	Não Exposto
40			96	Não Exposto
45			97	Não Exposto
910			98	S
912			99	Não Exposto
911			100	Não Exposto
351			101	Não Exposto
348			102	Não Exposto
350			103	Não Exposto
356			104	Não Exposto
384			105	Não Exposto
6			106	Não Exposto
118			107	Não Exposto
922			108	Não Exposto
574			109	Não Exposto
1071			110	Não Exposto
874			111	S

877			112	Não Exposto
882			113	Não Exposto
878			114	Não Exposto
925			115	Não Exposto
893			116	S
894			117	S
901			118	Não Exposto
903			119	Não Exposto
930			120	Não Exposto
1022			121	Não Exposto
1025			122	Não Exposto
1034			123	Não Exposto
1062			124	Não Exposto
1074			125	Não Exposto
1076			126	S
915			127	Não Exposto
1079			128	Não Exposto
1081			129	Não Exposto
1082			130	Não Exposto
131			131	Não Exposto
1084			132	Não Exposto
1013			133	Não Exposto
1014			134	Não Exposto
1015			135	Não Exposto
985			136	Não Exposto
986			137	Não Exposto
1070			138	S
941			139	Não Exposto
942			140	Não Exposto
943			141	Não Exposto
927			142	Não Exposto
931			143	Não Exposto
487			----	S
488			----	S
816			----	S
845			----	S
848			----	S
854			----	S
855			----	S
107			----	S
332			----	S
334			----	S
876			----	S
880			----	S
883			----	S
896			----	S
899			----	S
920			----	S
913			----	S
1021			----	S
966			----	S
1023			----	S
1024			----	S
967			----	S
969			----	S
953			----	S
886			----	S
1063			----	S

1065			----	0
1067			----	0
891			----	0
892			----	0
1078			----	0
932			----	0
933			----	0
934			----	0
887			----	0
1038			----	0
1042			----	0
1045			----	0
1018			----	0
981			----	0
980			----	0
926			----	0
1058			----	0
928			----	0
948			----	0
720			----	0
607			----	0
119			----	0
14			----	0
512			----	0
460			----	0
777			----	0
807			----	0
726			----	0
436			----	0
431			----	0
428			----	0
248			----	0
718			----	0
515			----	0
534			----	0
230			----	0
207			----	0
262			----	0
218			----	0
176			----	0
272			----	0
539			----	0
168			----	0
167			----	0
172			----	0
188			----	0
193			----	0
232			----	0
282			----	0
293			----	0
301			----	0
314			----	0
541			----	0
90			----	0
804			----	0
449			----	0
466			----	0
792			----	0

797			----	00
736			----	00
404			----	00
396			----	00
570			----	00
532			----	00
544			----	00
MED Abuquir	<i>Roteiro MCG</i> VOL.2 MED Abuquir ⁷	MED Abuquir		
2428		42 ⁸		00
2425				00
2426				00
2427				00
2429				00
2430				00
2431				00
2432				00
2433				00
2434				00
2435				00
VIDROS RM 295	VIDROS RM 38	VIDROS RM 73		00
296	39	74		00
298	40	75		00
299	41	76		00
424	42	77		00
1034	43	78		00
1035	44	79		00
1037	45	80		00
1038	46	81		00
1039	47	82		00
1040	48	83		00
1041	49	84		00
GEMAS GR 2779	-----	-----		00
2753	-----	-----		00
Etruria 2756	-----	-----		00
IT 2721	-----	-----		00
2741	-----	-----		00
2722	-----	-----		00
2769	-----	-----		00
Roma 2750	-----	-----		00
2746	-----	-----		00

⁷ Existem onze entradas de catálogo para os «Medalhões de Abuquir». Para nenhum é indicado o respectivo n.º de inventário. VID. *Museu Calouste Gulbenkian. Roteiro*, VOL. 2, , s/pág. [última página].

⁸ Existem onze entradas de Catálogo para os «Medalhões de Abuquir». Nenhum medalhão tem indicado o respectivo n.º de inventário. De todos se apresentam duas fotografias, uma da frente e outra do verso. VID.: *Museu Calouste Gulbenkian. Catálogo*, Lisboa: F.C.G., 2.ªed. 1989: CAT. 39 – CAT. 49 e pp.173-175.

Relacionando o n.º de catálogo, a respectiva fotografia a p/b e os 11 medalhões na exposição permanente é possível identificar o n.º de inventário de cada medalhão.

2774	-----	-----		6
2725	-----	-----		6
2724	-----	-----		6
2730	-----	-----		6
2755	-----	-----		6
2764	-----	-----		6
2773	-----	-----		6
2745	-----	-----		6
2749	-----	-----		6
2760	-----	-----		6
ESC GR 406	ESC GR 50	ESC GR 38		6
OUR GR 134	OUR GR 51	OUR GR 50		6
2444	-----	61		6
263	-----	51		6
684 A	-----	52		Não Exposto
684 B	-----	53		Não Exposto
685	-----	54		Não Exposto
686	-----	55		6
2438	-----	56		Não Exposto
2439	-----	57		Não Exposto
2440	-----	58		Não Exposto
2441	-----	59		6
2443	-----	60		6
2445	-----	62		Não Exposto
2446	-----	63		Não Exposto
2447	-----	64		Não Exposto
2448	-----	65		6
2449	-----	66		6
2450	-----	67		6
2451	-----	68		6
2452	-----	69		6
2453	-----	70		Não Exposto
2454 A	-----	71		Não Exposto
2454 B	-----	72		Não Exposto
TOTAL[N2]	26 + 398 moedas gregas	48 [+ ?moedas gregas	143 moedas gregas, em 1996	38 + 117 moedas gregas
AM 1283	52	[N3] 85		[N3] 6
118	53 ⁹	86		6
2320	-----	86 A ¹⁰		Não Exposto
2457	-----	86 B		Não Exposto
2321	-----	86 C		Não Exposto
TOTAL[N3]		5		2
AOI TEC Pérsia 1415	55	[N4] 298		[N4] 6
1437	56	299		6
1445	57	300		6
1501	58	-----		Não Exposto
2251	59	302		6
1511	60	303		6
1444	61	304		6

⁹ Não existe a entrada n.º54.

¹⁰ Os três «cilindros-selo» com os n.ºs de Catálogo 86 A, 86 B e 86 C não constam da 1.ª edição do «Catálogo» do Museu Calouste Gulbenkian (Lisboa, 1982).

1505	58	301		0
TEC Turquia				
191	62	307		Não Exposto
192 A	63	308		0
192 B	64	309		0
1417	65	310		0
1425	66	-----		Não Exposto
1426	67	-----		Não Exposto
1433	68	-----		0
1436	69	314		0
1512	70	315		0
1496	71	316		0
190	72	317		0
1451 A	73	-----		Não Exposto
1497	74	319		0
189 A	75	320		Não Exposto
1502	76	-----		Não Exposto
2236	77	322		Não Exposto
2078	78	323		0
1384	-----	311		0
1510	-----	-----		0
1550	-----	313		0
2042	-----	318		Não Exposto
2148	-----	321		Não Exposto
189 B	-----	-----		0
1503 A	-----	-----		0
1388 B	-----	-----		0
2231	-----	-----		0
PD Ásia Central				
328	-----	282		0
TAP Pérsia				
T. 97	79	289		0
T. 100	80	290		0
T. 64	81	291		0
T. 113	82	292		0
T. 66	83	293		0
T. 70	84	294		0
T. 71	85	295		0
T. 99	86	296		0
TAP Índia				
T. 62	87	287		0
T. 61	88	288		0
TAP Cáucaso				
T. 83	89	285		0
T. 96	90	286		0
TAP Turquia				
1389	91	297		0
INDUM				
Pérsia				
1382	92	305		0
1455	93	306		0
AZ Pérsia				
1567	94	103		0
1562	95	104		0
1564 A/B	96	105		0
1560	97	106		0

1566	98	108 ¹¹		12 vF
1728	-----	-----		
1725	-----	107		
AZ Turquia				
1598	99	110		
111	100	111		
1688	101	112		Não exposto
1635	102	113		Não exposto
1720	103	114		Não exposto
1666 A	104	115		Não exposto
1666 B	105	116		Não exposto
1663	106	117		Não exposto
1709	107	-----		Não exposto
1565	108	-----		1565 A/B
1679	109	119		
1639	110	120		
1711	111	121		
1645	112	122		
1613	113	123		
1640	114	124		Não exposto
1664	115	125		Não exposto
1591	116	109		Não exposto
1594	117	126		Não exposto
1641	118	127		Não exposto
1597	119	128		
1700	-----	118		

N.º INV.	Roteiro MCG 1 (1969)	Catálogo MCG (2.ªed. 1989) N.º CAT.:	Exposto Outubro 2007
LOUÇA Pérsia			
135	120	138	vB
300	121	139	vB
301	122	140	vB
302	123	141	vB
303	124	142	Não exposto
893	125	143	vB
897	126	144	
906	127	145	vB
926	128	146	vB
929	129	147	vC
931	130	148	vB
932	131	149	vB
934	132	150	Não exposto
935	133	151	vB
937	134	152	vB
938	135	153	vB
992	136	155	vB
993	137	156	Não exposto
996	138	157	vB
999	139	158	vB
1000	140	-----	Não exposto

¹¹ O n.º108 de *Museu Calouste Gulbenkian. Catálogo*, Lisboa: F.C.G., 2.ªed. 1989 corresponde ao INV.1566 A.

¹² Na tabela da exposição permanente este azulejo apresenta o INV. 1566 A.

901	141	160	vC
902	142	161	vC
923	143	162	vC
936	144	163	vB
947	145	-----	Não exposto
881	146	164	Não exposto
882	147	165	vE
885	148	166	vE
886	149	167	vE
889	150	168	vE
890	151	169	vE
895	152	170	vE
899	153	171	vE
900	154	172	vE
905	155	173	vE
907	156	174	vE
908	157	175	vE
918	158	176	vE
928	159	177	vE
930	160	178	vE
933	161	179	vE
940	162	180	vE
941	163	181	vE
942	164	182	vE
948	165	183	vE
2199	166	188	vE
950	167	193	vF
883	168	189	vF
896	169	190	vF
909	170	191	vF
946	171	192	vF
951	172	194	vF
945	-----	154 ¹³	vB
898	-----	-----	vC
911	-----	187 ¹⁶	vE
904	-----	185 ¹⁷	vE
949	-----	186 ¹⁸	
1001	-----	159	Não exposto
880	-----	184	Não exposto
LOUÇA Síria			
416	173	195	vD
891	174	196	vD
925	175	197	vD
892	-----	-----	vD

¹³ «Cerâmica: Loiça. Pérsia. **154**: Fragmento de tigela. Faiança reflexo metálico. Ray. Princípio do séc. XIII. D. 14,5cm. N.ºInv.945.».

¹⁴ Exposto na *vitrina B* do Núcleo 4.

¹⁵ Texto da tabela na Exposição permanente: «**1, 1, 3**: Taça / Bowl. Pérsia, Caxã, séc.XIII-XIV. Pérsia, Kashan, 13th-14th century. Faiança pintada sob o vidrado. Fretware, underglaze painted. Inv.901, 902, 898.».

¹⁶ «Cerâmica: Loiça. Pérsia. **187**: Pote com asas. Faiança. Caxã (tipo Sultanabade). Séc. XIV. A. 19, D. 18cm. N.ºInv.911». Segundo o **texto da tabela da EP** esta tigela foi feita na: «Síria. Séc. XIII-XIV.».

¹⁷ «Cerâmica: Loiça. Pérsia. **185**: Tigela. Faiança. Caxã (tipo Sultanabade). Séc. XIV. A. 11,7 D. 26,5cm. N.ºInv.949».

¹⁸ «Cerâmica: Loiça. Pérsia. **186**: Tigela Faiança. Caxã (tipo Sultanabade). Séc. XIV. A. 19, D. 18cm. N.ºInv.911». Segundo o **texto da tabela da EP** esta tigela foi feita na «Síria ou Pérsia. Séc. XIII-XIV».

LOUÇA Turquia			
817	176	199	S vN
825	177	200	Não exposto
827	178	201	Não exposto
2230	179	202	S vN
211	180	203	S vG
807	181	204	S vi
811	182	-----	S vM
821	183	205	S vM
829	184	206	S vG
831	185	207	S vH
833	186	208	S vG
2239	187	209	S vN
117	188	210	S vL
196	189	211	S vL
209	190	212	S vJ
351	191	213	S vK
771	192	-----	Não exposto
772	193	-----	S vH
774	194	214	S vK
778	195	215	S vi
784	196	216	S vi
787	197	217	S vK
788	198	218	Não exposto
789	199	-----	Não exposto

N.º INV.	Roteiro MCG VOL. 1 (1969)	Catálogo MCG (2.ªed. 1989) N.º CAT.:	Exposto Outubro 2007
797	200	219	S vL
799	201	220	S vL
800	202	221	Não exposto
801	203	222	Não exposto
805	204	223	Não exposto
806	205	224	Não exposto
808	206	226	Não exposto
809	207	225	S vF
810	208	227	S vK
812	209	228	S vL
813	210	229	S vi
814	211	230	S vL
818	212	231	S vi
823	213	232	S vi
824	214	233	S vL
828	215	234	S vK
832	216	235	Não exposto
834	217	236	S vK
835	218	237	S vL
836	219	238	S vH
840	220	240	S vK 200
841	221	241	S vL

¹⁹ Texto da tabela na Exposição permanente: « Síria, raça, final do séc.XII, início séc. XIII, Período Ayyubida. Sirya, Raqqa, late 12th – early 13th century, Ayyubid Period. Faiança decoração “reflexo metálico”. Fretware, “Lustre painted” decoration. Inv.426, 891, 892, 925.».

842	222	242	Não exposto
843	223	243	vK
847	224	244	vL
848	225	-----	Não exposto
859	226	246	vH
2034	227	247	vK
2077	228	248	vM
2243	229	249	vK
2246	230	250	Não exposto
2247	231	251	vK
2248	232	252	vK
2250	233	253	vL
2316	234	254	vL
2317	235	198	vK
2335	236	256	Não exposto
777	237	257	vL
790	238	258	vJ
796	239	259	vL
210	240	262	vL
773	241	-----	Não exposto
779	242	264	Não exposto
780	243	-----	vK
781	244	265	vK
786	245	266	Não exposto
791	246	267	vJ
792	247	-----	Não exposto
795	248	268	vJ
798	249	-----	Não exposto
802	250	269	Não exposto
803	251	270	Não exposto
804	252	271	vL
815	253	272	vJ
816	254	273	vJ
820	255	274	vK
826	256	-----	Não exposto
839	257	275	vJ
845	258	276	vL
853	259	277	vK
1572	260	278	Não exposto
2033	261	279	Não exposto
2074	262	280	vK
2240	263	-----	vK
2249	264	281	vL
838	-----	239 ²⁰	vJ
809	-----	226 ²¹	vE e vM
886	-----	167	
794	-----	-----	vK ²²
1577	-----	-----	vK ²³
502	-----	-----	vK ²⁴
2244	-----	260 ²⁵	vK



















²⁰ «Cerâmica: Loiça. Turquia. **239**: Prato fundo. Faiança. Iznik. Séc. XVI. D. 30cm. Inv.838».

²¹ «Cerâmica: Loiça. Turquia. **226**: Jarro. Faiança. Iznik (?). Séc. XVI. A. 19,7cm. Inv.809».

²² Texto da tabela na Exposição permanente: «Decoração geométrica em policromia. Turquia, Iznik, 2.^a metade séc. XVI. Período Otomano. Faiança pintada sob o vidrado. Inv.2240, 794, 1577, 502, 2243, 2244».

²³ VID. Nota de roda pé anterior.

²⁴ VID. Nota de roda pé 12.

844	-----	-----	 ²⁶ vK
785	-----	-----	 vK
849	-----	245	Não exposto
2318	-----	255	Não exposto
2245	-----	261	Não exposto
776	-----	263	Não exposto
LOUÇA Cáucaso			
884	-----	129	Não exposto
914	-----	130	Não exposto
919	-----	131	Não exposto
887	-----	132	Não exposto
894	-----	133	Não exposto
912	-----	134	Não exposto
916	-----	135	Não exposto
956	-----	136	Não exposto
957	-----	137	Não exposto
MOB Lacas Pérsia			
322	267	283	Não exposto
323	268	284	Não exposto
2334	-----	284 A	Não exposto
VIDROS Síria			
170	269	324	
1022	270	325	
1032	271	326	
1033	272	327	
1060	273	328	
2272	274	329	
2293	275	330	 2x (n.ºv8)
2370	276	331	
2377	277	332	
2378	278	333	 (n.ºv10)
AL Pérsia	AL ²⁷		
M. 27	279	97	
M. 62	280	98	Não exposto
M. 66 A	281	-----	Não exposto
M. 72	282	99	Não exposto
M. 10	283	-----	Não exposto
M. 12	284	95 ²⁸	
M. 13	285	96 ²⁹	
M. 46	286	-----	Não exposto
M. 48	287	-----	Não exposto
M 7	-----	94	
M 20	-----	-----	
L.A. 182	288	-----	Não exposto
L.A. 180	289	100	

²⁵ «Cerâmica: Loíça. Turquia. **260**: Prato fundo. Faiança. Iznik. Séc. XVI ou XVII. D. 32cm. Inv.2244». Para informação do texto da tabela da exposição permanente VID. Nota de roda pé 12.

²⁶ Texto da tabela na Exposição permanente: «Decoração em policromia com ameixoeira em flor. Turquia, Iznik, 2.ª metade séc. XVI. Período Otomano. Faiança pintada sob o vidrado. Inv.820, 834, 844, 785, 787, 810, 2074, 780».

²⁷ «As obras de arte desta secção são expostas em sistema de rotação». IN.: *Museu Calouste Gulbenkian. Roteiro*, Lisboa: F.C.G., 1969, s/n.º pág. Em 1969 estava já prevista a rotatividade de exposição relativamente às peças que, por razões de conservação, o exigiam.

²⁸ «**95**. Folhas caligrafadas de um Álbum. Papel. Pérsia. Sécs. XVI-XVII. C. 35,3xL.22,3cm N.ºInv.M.12B.».

²⁹ «**96**. Folhas caligrafadas e iluminadas de um Álbum. Papel. Pérsia ou Índia. Séc. XVI. C. 35,4xL.22,2cm N.ºInv.M.13D-G.».

L.A. 184	290	101	Não exposto
L.A.159	291	-----	Não exposto
L.A.192	292	-----	Não exposto
L.A. 187	293	102	§
L.A. 165	294	-----	§
L.A. 161	-----	-----	§
L.A. 189	-----	-----	§
L.A. 190	-----	-----	§
R. 4	295	91	§
R. 7	296	-----	Não exposto
R. 20	297	87	Não exposto
R. 22	298	-----	Não exposto
R. 23	299	-----	§
R. 25	300	-----	Não exposto
R. 28	301	-----	Não exposto
R. 29	302	-----	Não exposto
R. 36	303	-----	Não exposto
R. 41	304	-----	Não exposto
R. 21	305	-----	Não exposto
R. 24	306	88	Não exposto
R. 34	307	89	§
R. 39	308	90	§
R. 15	309	-----	Não exposto
R. 44	310	-----	§
AL Índia			
M.6	311	-----	Não exposto
M. 31	312	92	§
M. 58	313	93	Não exposto
M 32	-----	-----	§
TOTAL [N4]		258	215
AAr LA	<i>Roteiro MCG</i> ³⁰	[N5]	[N5]
L. A. 152	314	334	§
L. A. 193	315	335	§
L. A. 216	316	337	§
L.A. 253	317	336	§
CER Louça			
220	265	338	§
927	266	339	§
OUR			
2200 ³¹	-----	-----	§
S/ n.º INV. ³²	-----	-----	§
TOTAL [N5]	[6]	6	8

N.º INV.	<i>Roteiro MCG VOL.</i>	<i>Catálogo MCG</i> (2.ªed.	Exposto
----------	-------------------------	-----------------------------	---------

³⁰Neste «Roteiro» a Arte Arménia não surge individualizada num núcleo. Os quatro manuscritos iluminados **L.A. 152**, **L.A. 193**, **L.A. 216**, e **L.A. 253**, surgem dentro do núcleo: «Arte do Oriente Islâmico. Arménia, Cáucaso, Índia, Pérsia, Síria, Turquia. Arte do Livro: Arménia, Índia, Pérsia e Turquia.» com os n.º s 314, 315, 316 e 317, respectivamente. A tigela com o n.º de inventário 927, e o «lampadário» (INV. 220) surgem integrados nesse mesmo núcleo, em: «Cerâmica: Louça – Turquia.», com os n.º s 265 e 266, respectivamente. VID.: *Museu Calouste Gulbenkian. Roteiro*, Lisboa: F.C.G., 1969, VOL. 1: n.º s 314, 315, 316, 317, 265 e 266.].

Terá sido apenas durante a montagem da exposição (em 1969) que se tomou a decisão de criar um núcleo de Arte Arménia?

³¹ «Báculo. Geórgia (?), século XVII. Metal dourado e prateado, diamantes. INV. 2200» IN.: Tabela da exposição permanente do Museu Calouste Gulbenkian.

³² «Píxide. Sedrak. Cesarea, 1687. Ouro. Adquirida pela Fundação Calouste Gulbenkian». IN.: Tabela da exposição permanente do Museu Calouste Gulbenkian.

	1 (1969)	1989) N.º CAT.:	Outubro 2007
AE-O CER China 2372	4. AE-O CER China 318	[N6] AE-O CER China 340	[N6]
920	319	341	vA
953	320	342	vB (II)
2374	321	343	vB (I)
241 A/B	322	345	vB (I)
242 A/B	323	346	vG
288 A/B	324	347	vG
289	325	348	vG
290 A/B	326	349	vG
291 A/B	327	350	vG
329 A/B	328	351	vG
333	329	352	vG
534 A/B/C/D/E	330	353	vG
961	331	354	vG
962	332	355	vE (III)
963	333	356	vE (III)
966 A/B	334	357	vB (II)
967	335	358	vB (II)
971	336	359	vG
972 A/B	337	360	vB (II)
975	338	361	vB (II)
977	339	362	vG
989	340	363	vG
990	341	364	vE (III)
1002	342	365	vG 300
2273	343	366	vG
2275 A/B	344	367	vG
2276	345	368	vG
2277	346	369	vG
2302 A/B	347	370	vG
2303	348	371	vG
2311	349	372	Não exposto
2340	350	373	Não exposto
2342	351	374	vE (III)
2304 A/B	352	375	vG
2375 A/B	353	376	vE (III)
2376 A/B	354	377	vG
2389	355	-----	Não exposto
4 A/B	356	379	vG
200 A/B/C/D/E	357	380	vG
213 A/B	358	381	vE (I)
330 A/B	359	-----	Não exposto
344 A/B	360	382	Não exposto
960 A/B	361	383	vE (II)
978	362	-----	Não exposto
979	363	-----	Não exposto
1016	364	384	vG
1017	365	385	vG
2278 A/B	366	386	Não exposto
2373 A/B	367	-----	Não exposto
982	368	387	vG
983	369	388	vE (I)
984	370	389	vE (I)
985	371	390	vE (I)

986	372	391	§ vE (I)
987	373	392	Não exposto
2279 A/B	374	394	§ vE (II)
2283 A/B	375	395	§ vG
2284	376	396	§ vE (I)
2305	377	397	§ vE (I)
99	378	568	§ N10EP
124 A/B/C	379	-----	Não exposto
362	380	572	§ N10EP
965	381	344	§ vB (II)
2274	382	393	§ vG
2388	-----	378	Não exposto
ESC China 34	ESC China 383	ESC China 398	§ vB (I)
PD China 1	PD China 384	PD China 474	§ vF
5	385	-----	Não exposto
7	386	475	§ vF
8	387	-----	Não exposto
9	388	476	§ vF
10	389	477	Não exposto
11	390	478	§ vF
12	391	-----	Não exposto
13	392	-----	Não exposto
14	393	479	§ vF
19	394	480	§ vF
109	395	481	§ vF
110	396	-----	Não exposto
153	397	482	§ vF
154	398	483	Não exposto
155	399	-----	Não exposto
156	400	-----	Não exposto

N.º INV.	Roteiro MCG 1(1969)	Catálogo MCG (2.ªed. 1989) N.º CAT.	Exposto Outubro 2007
157	401	-----	Não exposto
463	402	484	§ vF
464	403	485	§ vF
466	404	-----	§ vF
467	405	-----	Não exposto
470	406	-----	Não exposto
471	407	487	§ vF
472	408	-----	Não exposto
473	409	-----	Não exposto
474	410	-----	Não exposto
646	411	-----	Não exposto
647	412	-----	Não exposto
648	413	488	Não exposto
649	414	-----	Não exposto
718	415	-----	Não exposto
719	416	-----	Não exposto
TEXTEIS China 33	-----	TEXTEIS China 411	§
1416	-----	489	§
ESTAMPAS Japão	ESTAMPAS Japão	ESTAMPAS Japão	

1955	417	-----	Não exposto
1956 A	418	-----	Não exposto
1956 B	419	-----	Não exposto
1956 C	420	-----	Não exposto
1956 D	421	-----	Não exposto
1956 E	422	-----	Não exposto
1956 F	423	-----	Não exposto
1956 G	424	-----	Não exposto
1956 H	425	-----	Não exposto
1957	426	-----	Não exposto
1966	427	-----	Não exposto
1967 A	428	-----	Não exposto
1967 B	429	-----	Não exposto
1974 A	430	-----	Não exposto
1974 B	431	-----	Não exposto
1974 C	432	-----	Não exposto
1974 D	433	-----	Não exposto
1974 E	434	-----	Não exposto
1974 F	435	-----	Não exposto
1974 G	436	-----	Não exposto
1974 H	437	-----	Não exposto
1975	438	-----	Não exposto
1986 A/B/C/D	439	399 - INV. 1986 A-L ³³	Não exposto
1986 E/F/G/H	440	399 - INV. 1986 A-L	Não exposto
1999 A	441	-----	Não exposto
1999 B	442	-----	Não exposto
1999 C	443	-----	Não exposto
1999 D	444	-----	Não exposto
2000 A	445	-----	Não exposto
2000 B	446	-----	Não exposto
2000 C	447	-----	Não exposto
2000 D	448	-----	Não exposto
2028 A/B	449	-----	Não exposto
2040	450	405	Não exposto
2179 A	451	400	Não exposto
2179 B	452	401	Não exposto
2390	-----	410 ³⁴	Não exposto
2003	-----	402 ³⁵	Não exposto
2424	-----	403 ³⁶	Não exposto
2007 A e B	-----	404 ³⁷	Não exposto
1998	-----	406 ³⁸	Não exposto

³³ São 12 estampas.

³⁴ «Arte do Extremo-Oriente. Estampas. Japão. UTAMARO, kitagawa (1753-1806). **410:** Livro de insectos seleccionados. 2 volumes. Papel. Assinado. 1788 (1.ª edição). 27 x 16,5 cm. Prov. Colecção Kington Baker, Esq. N.º Inv. 2390».

³⁵ «Arte do Extremo-Oriente. Estampas. Japão. HIROSHIGE, Ando (1797-1858). **402:** Tokiwa Gozen e os três filhos fugindo na neve. Papel. Assinado. Séc. XIX. 36,5 x 25,2 cm. Prov. Colecção Kington Baker, Esq. N.º Inv. 2003A».

³⁶ «Arte do Extremo-Oriente. Estampas. Japão. BANK II (?). **403:** Caça ao falcão. Papel. Assinado. Principio do séc. XIX. 34 x 23,5 cm. N.º Inv. 2424».

³⁷ «Arte do Extremo-Oriente. Estampas. Japão. SUGAKU (meados do sé. XIX). **404:** Estudos de pássaros e plantas. Papel. 1859. 36 x 24,5 cm. Prov. Colecção Kington Baker, Esq. N.º Inv. 2007 A e B».

³⁸ «Arte do Extremo-Oriente. Estampas. Japão. HOKUSAI, Katsushika (1760-1840). **406:** A ponte da faixa de Damasco (da série “As pontes das várias Províncias”). Papel. C.1833-35. 25,6 x 38,1 cm. Prov. Colecção Kington Baker, Esq. N.º Inv.1998».

1996	-----	407 ³⁹	Não exposto
1997	-----	408 ⁴⁰	Não exposto
1994	-----	409 ⁴¹	Não exposto
LACAS Japão	LACAS Japão	LACAS Japão	
1302	453	412	Não exposto
1303	454	413	S vD (I)
1304	455	414	S vD (I)
1305	456	415	Não exposto
1306	457	416	S vD (I)
1307	458	417	Não exposto
1308	459	418	S vD (I)
1310	460	419	Não exposto
1311	461	420	S vD (I)
1314	462	421	S vD (I)
1315	463	422	S vD (I)
1317	464	423	S vD (I)
1318	465	424	S vD (I)
1319	466	425	S vD (I)
1329	467	426	S vD (I)
1330	468	427	Não exposto
1331	469	428	Não exposto
1332	470	429	S vD (I)
1333	471	430	S vD (I)
1336	472	431	Não exposto
1337	473	432	S vD (I)
1336	474	-----	Não exposto
1358	475	434	S vD (I)
1360	476	435	S vD (I)
1361	477	436	S vD (I)
1362	478	437	S vD (I)
1363	479	438	S vD (I)
1364	480	439	S vD (I)
1373	481	440	S vD (I)
1375	482	441	S vD (I)
1376	483	442	Não exposto
1377	484	443	Não exposto
1378	485	444	S vD (I)
1320	486	445	Não exposto
1321	487	446	Não exposto
1323	488	447	Não exposto
1324	489	448	Não exposto
1327	490	449	S vD (I)
1328	491	450	S vC
1338	492	451	S vC
1339	493	452	S vC
1340	494	453	S vD
1341	495	454	S vD
1342	496	455	S vD

³⁹ «Arte do Extremo-Oriente. Estampas. Japão. HOKUSAI, Katsushika (1760-1840). **407:** A queda de água da colina da malva-rosa (da série “Viagem no país das quedas de água”) Papel. C.1833-35. 38 x 25,5 cm. Prov. Coleção Kington Baker, Esq. N.º Inv.1996».

⁴⁰ «Arte do Extremo-Oriente. Estampas. Japão. HOKUSAI, Katsushika (1760-1840). **408:** A ponte das barcas de Sano (da série “As pontes das várias Províncias”). Papel. C.1833-35. 37 x 24,5 cm. Prov. Coleção Kington Baker, Esq. N.º Inv.1997».

⁴¹ «Arte do Extremo-Oriente. Estampas. Japão. HOKUSAI, Katsushika (1760-1840). **409:** O Monte Fuji visto de Gotenyama, no Tokaido (da série “As 36 vistas de Fuji”). Papel. C.1831-33. 37 x 25,5 cm. Prov. Coleção Kington Baker, Esq. N.º Inv.1994».

1343	497	456	S vD
1344	498	457	S vD
1345	499	458	S vD
1346	500	459	S vD
1347	501	460	Não exposto
1349	502	461	S vC
1350	503	462	Não exposto
1351	504	463	Não exposto
1352	505	-----	S vD
1353	506	464	S vD
1354	507	465	S vD
1365	508	466	S vC
1366	509	467	S vC
1367	510	468	S vC
1368	511	469	S vD (I)
1369	512	470	S vC
1370	513	-----	Não exposto
1371	514	471	Não exposto
1372	515	472	S vC
1374	516	473	Não exposto
1356	-----	433 ⁴²	Não exposto
BIOMBO China 1023	517	----- ⁴³	S
TOTAL [N6]		190	136

⁴² «Inro. 4 caixas. Laca. Japão. Séc.XVIII. A. 8,3 cm. Prov. Colecção Sir Trevor Lawrence, Bart. Inv. 1356».

⁴³ Este biombo não esteve exposto em 1989 mas esteve em 1982, pelo menos consta da 1.^a ed. do «Catálogo» do MCG. VID.: *Museu Calouste Gulbenkian. Catálogo*, Lisboa: F.C.G., 1982, CAT. 411: pág. 71 e Foto: pág. 252.

Circuito de ARTE EUROPEIA

N.º INV.	Roteiro MCG VOL. 2 (1969) ⁴⁴	Catálogo MCG (2.ªed. 1989) N.º CAT.	Exposto Outubro 2007
AL	AL	AL	[N7]
Illuminados			
Flandres			
L.A. 144	518	490	S
L.A. 128	519	491	S
M. 79	520	496	S M 79 B
M. 1	521	492	S
L.A. 135	522	494	S
L.A. 141	523	495	S
M.2 A/B	524	-----	Não exposto
L.A. 148	525	497	S
L.A. 139	526	498	S
M. 36 A	527	499	S
M. 34	528	500	S
M. 33	529	-----	Não exposto
L.A. 149	530	502	S
L.A.222	-----	-----	S
L.A.237	-----	-----	S
M. 35	-----	Cat.501 ⁴⁵	S
M. 80	-----	Cat.493 ⁴⁶	S
MARF	MARF FR	MARF	
100	531	629	S
112	532	630	S
125	533	631	S
133	534	632	S
186	535	633	S
349	536	634	S
422	537	635	S
423	538	636	S
2285	539	637	S
2286	540	638	S
2287	541	639	S
2319	542	640	S
Bronze ⁴⁷			
294	----	----	S [N7]
TOTAL [N7]		27	28
ESC	ESC	ESC	
414 A	543	597	S [N9]
414 B	544	598	S [N9]
2295	545	599	Não exposto
207	546	600	S [N7]
513	547	602	Não exposto
286 B	548	603	Não exposto
286 A	-----	-----	S
294	-----	-----	S

⁴⁴ No «Roteiro» do MGG (1969) não existe correspondência entre os 17 núcleos em que se organizava a exposição em Outubro de 1969 e os 9 núcleos em que estão divididos os dois volumes deste Roteiro: *Museu Calouste Gulbenkian. Roteiro*, VOL. 1: núcleos 1 a 4; *Museu Calouste Gulbenkian. Roteiro*, VOL. 2: núcleos 5 a 9.

⁴⁵ «Arte do Livro. Manuscritos Iluminados.. Itália. **501**: S. Benedito num trono. Pergaminho. Séc. XIV. 420 x 270 mm. N.º Inv.M80».

⁴⁶ «Arte do Livro. Manuscritos Iluminados.. França. **493**: Folha de uma Bíblia. Pergaminho. Pintura de Jacopo de Cione. Escola Florentina. 2.ª metade séc. XIV. 405 x 325mm. N.º Inv.M35».

⁴⁷ Bronze cinzelado e dourado.

PINT 272	PINT 549	PINT 892	[N8]
628	550	895	
76	551	894	
79 A	552	896	
79 B	553	897	
275	554	898	
243	555	899	
113	556	900	
78	557	901	
394	558	902	
959	559	903	
475	560	904	
2436	561	905	Não exposto
214	562	964	
119	563	965	
1488	564	966	
1489	565	967	
120	566	968	
398	567	969	
501	568	970	
282	569	979	
208	570	980	
77	571	981	
2358	572	982	
92	573	983	
27	574	984	
454	-----	-----	
ESC 539	581	626 [N8]	
54	-----	-----	
TOTAL [N8]		27	28
CER 2371	[9.] CER 575	[N9] 596 A ⁴⁸	[N9]
197	576	596 B	
363	577	596 C	
837	578	596 D	
2323	579	596 E	
ESC 53	580	601	
540	582	627	
542	583	628	
543	-----	602	Não exposto
MEDA 2396	MEDA 584	MEDA 641	
2400	585	642	
2397	586	643	
2398	587	644	
2399	588	645	
2401	589	662	
2402	590	661	
2403	591	660	
2404	592	648	
2405	593	649	

⁴⁸ Os números de catálogo 596 A a 596 D não surgem no texto da edição do Catálogo do MCG editado em 1975.

2408	594	650	S
2410	595	651	S
2411	596	652	S
2413	597	653	S
2421	598	654	S
2406	599	-----	S
2407	600	663	S
2412	601	658	S
2414	602	659	S
2417	603	646	S
2409	604	655	S
2418	605	656	S
2422	606	657	S
2419	-----	647	S

N.º INV.	<i>Roteiro MCG 2</i> (1969)	<i>Catálogo MCG</i> (2.ªed. 1989) N.º CAT.	Exposto Outubro 2007
TAPE			
2329	607	1004	S
29 B	608	1005	S
29 C	609	-----	S
29 D	610	1007	S
29 A	-----	1006	Não exposto
TEC			
Itália			
1383	611	1015	S
246 A	612	1016	S
1501 A	613	1017	S
1501 B	614	1018 ⁴⁹	S
1424	615	1019	S
PANEJ			
Itália			
1386	616	1020	S
1392	617	1021	S
1393	618	1022	Não exposto
Livros Impressos		Livros Impressos	
Encadernações		Encadernações	
L.A.151	-----	-----	S
L.A.130	-----	503	S
L.A. 3	-----	504	Não exposto
L.A- 13	-----	505	Não exposto
L.A. 32	-----	506	Não exposto
L.A 35	-----	507	Não exposto
L.A. 44	-----	508	Não exposto
L.A. 47	-----	509	Não exposto
L.A. 48	-----	510	Não exposto
L.A. 53	-----	511	Não exposto
L.A.54	-----	512	Não exposto
L.A. 64	-----	513	Não exposto
L.A. 72	-----	514	Não exposto
L.A.74	-----	515	Não exposto
L.A. 84	-----	516	Não exposto
L.A. 87	-----	517	Não exposto
L.A. 91	-----	518	Não exposto
L.A. 98	-----	519	Não exposto
L.A. 106	-----	520	Não exposto

⁴⁹ VID.: CAT. 312.

L.A. 108	-----	521	Não exposto
L.A. 113	-----	522	Não exposto
L.A. 115	-----	523	Não exposto
L.A. 117	-----	524	Não exposto
L.A. 118	-----	525	Não exposto
L.A. 120	-----	526	Não exposto
L.A. 138	-----	527	S
L.A. 203	-----	528	Não exposto
L.A. 206	-----	529	S
L.A. 207	-----	530	Não exposto
L.A. 208	-----	531	Não exposto
L.A. 209	-----	532	Não exposto
L.A. 213	-----	533	S
L.A. 214	-----	534	Não exposto
L.A. 215	-----	535	Não exposto
L.A- 210	-----	536	Não exposto
L.A.221	-----	537	Não exposto
L.A. 223	-----	538	Não exposto
L.A. 226	-----	539	Não exposto
L.A. 227	-----	540	Não exposto
L.A.228	-----	541	Não exposto
L.A. 229	-----	542	Não exposto
L.A. 230	-----	543	Não exposto
L.A. 232	-----	544	Não exposto
L.A. 233	-----	545	Não exposto
L.A. 234	-----	546	Não exposto
L.A. 238	-----	547	Não exposto
L.A. 239	-----	548	Não exposto
L.A. 243	-----	549	Não exposto
L.A.244	-----	550	Não exposto
L.A. 245	-----	551	Não exposto
L.A. 248	-----	552	Não exposto
L.A. 250	-----	553	Não exposto
L.A. 251	-----	554	S
L.A. 252	-----	555	S
L.A. 132	-----	556	S
L.A. 140	-----	557	S
L.A. 551	-----	558	Não exposto
L.A. 37	-----	559	Não exposto
L.A. 110	-----	560	Não exposto
R. 32	-----	561	Não exposto
R. 33	-----	562	Não exposto
R. 43	-----	563	Não exposto
R. 31	-----	-----	S
R. 35	-----	-----	S
L. A. 49	-----	-----	S
L.A. 204	-----	-----	S
L.A. 220	-----	-----	S
L.A. 231	-----	-----	S
L.A. 240	-----	-----	S
L.A. 242	-----	-----	S
PINT			[N11]
433	619	907	S
435	620	908	Não exposto
103	621	909	S
436	622	910	S
438	623	-----	Não exposto
958	624	911	Não exposto

431	625	906	0
24	626	912	0
2380	627	913	0
2385-B	628	914	0
2386	629	915	0
96	630	916	0
2382	631	917	0
2384	632	918	0
173	633	919	0
440	634	920	0
626	635	921	0
627	636	922	0
1391	637	923	0
264	638	924	0
530	639	925	Não exposto
239	640	-----	Não exposto
251	641	-----	Não exposto
ESC 20	ESC 642	604	0
550 A/B	643	605	Não exposto
1390	644	609	0
552	645	610	0
553	646	606	0
2325	647	607	0
249	648	608	0
353	649	-----	Não exposto
BZ FR 604	BZ 650	BZ 564	[N10] 0
18 A/B	651	565	0
42 A/B ⁵⁰	652	566	Não exposto
600 ⁵¹	653	567	0
99	654	568	Não exposto
124 A/B/C	655	569	Não exposto
256	656	570	0
332 A/B	657	571	0
362	658	572	Não exposto
595	659	573	0
599 A/B	660	574	0
602	661	575	Não exposto
603	-----	576	Não exposto
630A/B/C	662	577	Não exposto
1058 A/B	663	578	0
2242	664	579	0
2264	665	580	0
2328	666	581	0
221	-----	-----	0
608	-----	582	0
CER 1003	667	583	0
2336	668	584	0
338	669	585	0
308 A	670	586	0
308 B	671	587	0
308 C	672	588	Não exposta
1005	673	589	0

⁵⁰ O INV. 42 A/B corresponde a «Cães de fogo» ou «Cães de Chaminé».

⁵¹ O INV. 600 corresponde a «Cães de fogo» ou «Cães de Chaminé».

339	674	590	Não exposta
1014	675	-----	Não exposta
1009	676	591	S
2339	677	-----	S
1011	678	-----	Não exposta
292	679	-----	S
331 A/B	680	592	S
336 A/B	681	593	S
337 A/B	682	594	S
360	683	595	S
1006	684	596	S
1007	685	-----	Não exposta
1013	686	-----	Não exposta
340	-----	-----	S
1008	-----	-----	S
124 A/B/C	-----	-----	S
MOB FR 1452	MOB FR 687	MOB FR 664	S
127	688	665	S
2266	689	668	S
2267	690	669	S
376	691	670	S
240 A/B	692	671	S 240 B
262 A/B	693	672	S 262A
2221 A/B	694	673	S
2368 A/B	695	674	S
2369	696	675	S
174	697	676	Não exposto
582	698	677	S
284	699	678	S

N.º INV.	Roteiro MCGG 2 (1969)	Catálogo MCG (2.ªed. 1989) N.º CAT.	Exposto Outubro 2007
578	700	679	S
37	701	680	Não exposto
247	702	681	Não exposto
38	703	682	S
588 A/B	704	683	Não exposto
126	705	684	S
749	706	685	S
583	707	686	S
673	708	687	S
2082	709	688	S
2326 A	710	689	S
2326 B	711	690	S
97	712	666	S
285	713	667	S
2222	714	691	S
56	715	692	S
195	716	693	S
222 A/B	717	694	S INV.222
223 AaD	718	695 INV.223	S INV.223
224 A/B	719	696 INV.224	Não exposto
283 A	720	697	Não exposto
283 B	721	698	Não exposto
283 C	722	699	Não exposto
579	723	700	Não exposto

1024	724	701	Não exposto
2081	725	703	✓
2327	726	704	Não exposto
324 B	-----	-----	✓
1541	-----	702	✓
584	-----	-----	✓
OV			
64	727	705	✓
182	728	706	✓
635	729	707	✓
636	730	708	✓
637	731	709	✓
639	732	710	✓
652	733	711	✓
654	734	712	✓
655	735	713	✓
656	736	714	✓
658	737	715	✓
664	738	716	✓
670	739	717	✓
687	740	718	✓
689	741	719	✓
690	742	720	Não Exposto
693	743	721	✓
698	744	722	✓
700	745	723	✓
701	746	724	✓
704	747	725	✓
705	748	726	✓
706	749	727	✓
708	750	728	✓
709	751	729	✓
710	752	730	✓
711	753	731	✓
712	754	732	✓
713	755	733	✓
714	756	734	✓
717	757	735	✓
767	758	740	Não Exposto
2234	759	736	✓
2253 A/B	760	739	✓
2254	761	737	✓
2280	762	741	✓
2281 A/B	763	738	✓
657	-----	-----	✓
699	-----	-----	✓
OUR FR	OUR FR	OUR FR	[N12]
1078 A/B	764	850	✓
1079 A/B	765	851	✓
1121 A/B	766	852	✓ 1121 A
2315A/B	767	853	✓ 2315 A
1102	768	855	✓
1284	769	854	✓
115	770	856	Não exposto
1108	771	857	✓
2220 AaH	772	858	✓
2237 A/B	-----	859	Não exposto
1103	773	860	✓

1080	774	861	✓
1072	775	862	✓
2367 A/B	776	863	Não exposto
1126	777	864	✓
1087 A/B	778	865	✓
1123	779	866	✓
145 A/B	780	867	Não exposto
2381	781	868	✓
287 A/B	782	869	✓
1073 A/B	783	870	✓
1085 A/B/C	784	871	✓
1086 A/B	785	872	Não exposto
1091 A/B	786	873	✓
2379	787	874	✓
1106	788	875	✓
1111	789	876	✓
1088 A/B	790	877	✓ 1088 B
1089 A/B	791	878	✓ 1089 A 1089 B (EP12)
1090 A/B	792	879	✓
144	793	880	✓
2217	794	881	✓
2218 A/B	795	882	✓
1083	796	883	✓
114	797	-----	Não exposto
1125	798	884	✓
1074 A/B	799	885	✓

N.º INV.	Roteiro MCG 2 (1969)	Catálogo MCG (2.ªed. 1989) N.º CAT.	Exposto Outubro 2007
1075 A/B	800	886	✓
1076 A/B	801	887	✓
1077 A/B/C/D	802	888	✓
1092	803	889	✓
1071	804	890	✓
2166	805	891	✓
238 B	-----	-----	✓
1115 A/B	-----	-----	✓
1066 A/B	-----	-----	✓
2479	-----	-----	✓
TEXTEIS TAPEÇ 32 A	TAPEÇ FR 806	TAPEÇ FR 1008	[N10 Cont.] Não exposto
32 B	807	1009	Não exposto
32 C	808	1010	✓
32 D	809	1011	✓
32 E	-----	-----	✓
32 G	-----	-----	✓
30	810	1014	✓
280	811	1012	✓ N10EP
281	812	1013	Não exposto
TEC FR 1402	TEC FR 813	TEC FR 1023	✓
1447	814	1024	Não exposto
201	815	1025	✓ vN
1387	816	1026	✓
1401	817	1027	✓
1448 A	818	1028	✓

1493	819	1029	Não exposto
PINT			[N13 cont. e N15]
39	820	893	
26	821	926	
2282	822	927	
2363	823	928	
83	824	929	
84	825	930	
136	826	931	
185	827	932	
352	828	933	
442	829	934	
443	830	935	
86	831	936	
444	832	937	
532	833	938	Não exposto
533	834	939	
2258	835	940	
420	836	958	
2307	837	959	
85	838	941	
67	839	942	
69	840	943	
257	841	944	Não exposto
2343	842	945	
258	843	946	
2288	844	947	Não exposto
2289	845	948	Não exposto
2331	846	949	Não exposto
2387	847	950	Não exposto
395	848	951	
2361	849	962	
88	850	953	
89	851	954	
449	852	960	
450	853	961	
451	854	962	
2301	855	963	
87	856	955	
453	857	956	
429	858	971	
2383	859	972	Não exposto
427	860	973	
2360	861	974	
260	862	975	
2362	863	976	
273	864	977	
2159	865	978	
206	-----	-----	
54	-----	957	
73	-----	-----	
199	-----	-----	
253	-----	-----	
2445	-----	-----	
2788	-----	-----	
58	-----	-----	[N16]
ENCAD FR XIX R. 31	-----	-----	

R. 42	-----	-----	S
PINT Guardi			[N14]
122	866	987	S
385 A	867	988	S
385 B	868	989	Não exposto
386 A	869	990	S
386 B	870	991	S 386
387	871	992	Não exposto
388	872	993	S
388 B	-----	-----	S
389	873	994	S
390	874	995	S
391	875	996	S
392	876	997	S
393	877	998	S
487	878	999	S
488	879	1000	S
491	880	1001	S
531	881	1002	S
538	882	1003	S
357	-----	-----	S
93 A	-----	985	S
93 B	-----	986	S
TOTAL [N14]		19	19
ESC			[N15]
17	883	611	S
217	884	612	Não exposto
555	885	613	Não exposto
557	886	614	Não exposto
559	887	615	Não exposto
104	888	616	S
562	889	617	S
563	890	618	S
564	891	619	S
28	892	620	S
259	893	621	S
569	894	623	S
570	895	624	S
105	-----	-----	S
265	-----	-----	S

N.º INV	Roteiro MCG Vol. 2 (1969)	Catálogo MCG (2.ªed. 1989) N.º CAT.	Exposto Outubro 2007
RL JOALH			[N16 e N17]
1115	-----	-----	S
1132	896	742	S
1133	897	743	S
1134	898	744	S
1135	899	745	S
1136	900	746	Não exposto
1137	901	747	Não exposto
1138	902	748	Não exposto
1139	903	749	Não exposto
1140	904	750	Não exposto
1141	905	751	S
1143	906	752	S
1144	907	753	Não exposto

1146	908	754	Não exposto
1147	909	755	S
1148	910	756	Não exposto
1149	911	757	S
1150	912	758	Não exposto
1151	913	759	S
1153	914	760	Não exposto
1156	915	761	S
1157	916	762	Não exposto
1159	917	763	Não exposto
1160	918	764	S
1163	919	765	S
1164	920	766	S
1165	921	767	Não exposto
1166	922	768	S
1167	923	769	Não exposto
1169	924	770	S
1170	925	771	S
1172	926	772	S
1173	927	773	Não exposto
1174	928	774	Não exposto
1175	929	775	Não exposto
1179	930	776	S
1180	931	777	Não exposto
1181	932	778	Não exposto
1182	933	779	S
1183	934	780	S
1187	935	781	S 2x conf.
1188	936	782	S
1189	937	783	Não exposto
1191	938	784	S
1192	939	785	S
1193	940	786	Não exposto
1194	941	787	S
1195	942	788	S
1196	943	789	S
1197	944	790	S
1198	945	791	Não exposto
1200	946	792	Não exposto
1201	947	793	S
1202	948	794	S
1203	949	795	S
1204	950	796	Não exposto
1205	951	797	Não exposto
1208	952	798	S
1209	953	799	S
1210	954	800	S
1211	955	801	S
1212	956	802	S
1213	957	803	S
1216	958	804	S
1217	959	805	Não exposto
1218	960	806	Não exposto
1219	961	807	S
1225	962	808	Não exposto
1235	963	809	Não exposto
1239	964	810	Não exposto
1255	965	811	S

1256	966	812	✓
1257	967	813	✓
1261	968	814	✓
1273	969	815	✓
1276	970	816	✓
1278	971	817	Não exposto
1280	972	818	Não exposto
1601	973	819	✓
1142	-----	-----	✓
RL VIDROS			
1152	974	820	✓
1162	975	821	✓
1168	976	822	✓
1177	677	823	✓
1190	978	824	Não exposto
1214	979	825	✓
1222	980	826	✓
1226	981	827	Não exposto
1229	982	-----	✓
1230	983	828	✓
1231	984	-----	Não exposto
1232	985	829	✓
1233	986	-----	✓
1234	987	830	✓
1240	988	831	✓
1245	989	832	✓
1247	990	833	Não exposto
1252	991	834	Não exposto
1253	992	835	Não exposto
1262	993	836	✓
1264	994	837	✓
1267 A/B	995	-----	Não exposto
1268	996	-----	Não exposto
1271	997	-----	Não exposto
1272	998	-----	Não exposto
1277 A/B	999	-----	Não exposto
RL DIV			
443(L.M)	1000	-----	Não exposto
1145	1001	-----	Não exposto
1154	1002	839	✓
1158	1003	840	✓
1161	1004	841	✓
1171	1005	842	✓
1176	1006	843	✓
1178	1007	-----	Não exposto
1186	1008	844	Não exposto
1199	1009	845	Não exposto
1220	1010	846	✓
1237	1011	-----	Não exposto
1241	1012	847	✓
1248	1013	848	Não exposto
1263	1014	849	✓
1274 - A	-----	838	Não exposto
DES RL			
2471	-----	-----	✓
2472	-----	-----	✓
2467	-----	-----	✓
2468	-----	-----	✓

2476	----	----	66
2920	----	----	66
2473	----	----	66
ESC	⁵² ESC		[N15 Cont.]
567	1015	622	66
2333	1016	625	66

ABREVIATURAS USADAS NESTE QUADRO:

AAr – ARTE ARMÉNIA

AE – ARTE EGÍPCIA

AE-O – ARTE EXTREMO-ORIENTE

AGR – ARTE GRECO-ROMANA

AL - ARTE DO LIVRO

AM – ARTE DA MESOPOTÂMIA

AOI – ARTE DOP ORIENTE ISLÂMICO

AZ – AZULEJO

BZ - BRONZES

CER – CERÂMICA

ENCAD – ENCADERNAÇÃO

ESC – ESCULTURA

FR – FRANÇA

GRAV – GRAVURA

GR – GRÉCIA

ILUST – ILUSTRAÇÃO

INDUM – INDUMENTÁRIA

IT – ITÁLIA

MARF - MARFINS

MED Abuquir – MEDALHÕES DE ABUQUIR

MEDA – MEDALHAS

MOB – MOBILIÁRIO

O RL – OBRAS RENÉ LALIQUE

OUR – OURIVESARIA

OV – OBJECTOS DE VITRINE

PANEJ – PANEJAMENTOS

PD – PEDRAS DURAS

PINT – PINTURA

RL DES – René Lalique DESENHO

RL DIV – René Lalique DIVERSOS

RL JOALH – René Lalique JOALHARIA

RL VIDROS – René Lalique VIDROS

⁵² Única indicação de espaço arquitectónico que é dada neste «Roteiro»: «Pátio interior e patamar».

RM - ROMANOS

TAP - TAPETES

TAPE - TAPEÇARIAS

TEC - TECIDOS

ANEXO 2 - Objectos incompletos: pesquisa sobre um inro (INV. 1364) (acessório usado sobre o kimono de um japonês) e dois fragmentos de um retábulo flamengo (INV. 79 A e 79 B) no conjunto de publicações/site directamente relacionadas com a Colecção do MCG e editadas em Lisboa, entre 1961 e 2007, pela Fundação Calouste Gulbenkian.

I. Um acessório usado sobre o kimono de um japonês: o inro (INV. 1364)

(1969) [SERVIÇO DE MUSEU], Museu Calouste Gulbenkian. Roteiro, VOL. 1, N.º 480 [pág. 61]	«INRO 4 caixas Assinado: “YOYUSAI” Laca Japão. Séc. XVIII 7,7cm Prov. Colecção Sir Trevor Lawrence, Bart N.º Inv. 1364»
(1989) [SERVIÇO DE MUSEU], Museu Calouste Gulbenkian. Catálogo, N.º 439, pág.70. Foto a cores: pág. 71; foto a p/b: pág. 257.	[A mesma informação que surgiu no Museu Calouste Gulbenkian. Roteiro, VOL. 1, N.º 480]
(1996) Maria Teresa Gomes Ferreira (Plano e sistematização), Museu Calouste Gulbenkian. Roteiro	[Não foi incluído nesta publicação].
(2001) Maria Queiroz Ribeiro [Conservadora do mcg] [texto sobre este inro], IN.: PEREIRA, João Castel-Branco; SILVA, Nuno Vassalo e (Coordenação geral), Museu Calouste Gulbenkian, N.º 58, pág. 80. (Foto a cores).	«Autoria: Hara Yoyusai (1772-1845) Materiais: laca, madrepérola e pedras duras. 7,5 x 2,5 x 5,5 cm O inro é um pequeno estojo composto por vários compartimentos sobrepostos, que encaixam perfeitamente uns nos outros. De início, o inro, geralmente em laca, destinava-se a transportar a tinta e o selo pessoal do seu utilizador mas posteriormente passou a ser utilizado para transportar pós, plantas medicinais e medicamentos. No Japão são conhecidos desde o século XVI, mas é no século XVII que apresentam o aspecto que hoje lhes conhecemos. Eram objectos de uso quotidiano, suspensos no sash, cinto largo da indumentária masculina. Os compartimentos eram ligados entre si por um cordão cujas pontas eram enfiadas numa espécie de «conta», o ojime, destinada a manter as caixas bem unidas. O netsuke, outro elemento do inro, funcionava como botão e permitia prender o inro ao cinto. A decoração deste inro, em laca vermelha, consiste numa composição que se prolonga por toda a superfície,

	<p>representando um esquilo suspenso nos ramos de uma videira com cachos de uvas pendentes em hiramakie (pintura polvilhada sem relevo) e takamakie (pintura polvilhada com relevo) em castanho e ouro com pormenores em urushie a negro. Estas técnicas consistem na elaboração de um determinado desenho através de pós metálicos ou coloridos sobre a superfície da laca fresca. As uvas e as folhas são respectivamente em madrepérola e pedra dura verde.».</p>
<p>(2001) Pedro Moura Carvalho (Coor. Científica), O Mundo da Laca, 2000 anos de História, pág.77 e Cat. 22, pág. 80.</p> <p>Catálogo da exposição apresentada na Galeria de Exposição Temporárias da Sede da F.C.G. (Piso 0)</p>	<p>«Como o Kimono (traje tradicional japonês) não tinha bolsos, foram imaginadas várias formas para se poder transportar objectos de uso diário. A forma mais usual era suspender várias bolsas e recipientes, como o kincheku (bolsa de dinheiro) ou o obi (cinturão), onde se podiam colocar vários acessórios para fumar. Contudo a peça mais dispendiosa e importante era sem dúvida o inro. [...]</p> <p>O netsku tem normalmente a forma de uma pequena escultura tridimensional [...]. o inro transformou-se rapidamente num acessório de moda dispendioso com poucas ou nenhuma funções práticas. Quando existia um código de vestuário rígido, [...] tanto os artesãos como os clientes procuraram cada vez mais inro que tivessem uma decoração exuberante, mas que também reflectissem uma procura de inovação e genialidade tanto nos materiais como no desenho. Apesar do custo proibitivo, era comum que um homem abastado tivesse vários inro, de modo a escolher o mais indicado a usar de acordo com as ocasiões, época do ano, o tecido do seu traje ou mesmo com a disposição do momento. [...] Com a abertura do Japão ao Ocidente e com a adopção progressiva do vestuário ocidental, o inro tornou-se supérfluo e foi considerado antiquado. Não admira por isso que muitos proprietários tivessem dispostos a vender os seus inro já que estes foram concebidos mais como acessórios de modo do que como objectos artísticos. Foi assim que um grande número de peças saiu do Japão, indo de encontro aos desejos ocidentais de adquirir artefactos japoneses que hoje são a base de muitas colecções [...]» [pág. 77]</p> <p>CAT. 22. [...] «Laca vermelha, hiramakie e tamakie castanha e em ouro, urushie negro, madrepérola e pedras duras. O interior deste inro é em nashiji. Hara Yoyusai trabalhou em Edo numa variedade de estilos. Nas peças em que Yoyusai trabalhou com o pintor Sakai Hoitsu (1761-1828), este era geralmente o responsável pelo desenho, enquanto Yoyusai era</p>

	responsável pela lacagem. Este inro apenas está assinado por Yoyusai.». [pág. 80]
(2004) [SERVIÇO DE MUSEU], Guia do Museu Calouste Gulbenkian, pág. 92.	[Repete informações das publicações anteriores].
(2004) João Castel-Branco Pereira (edição lit.), 365 obras do Museu Calouste Gulbenkian	[Não foi incluído nesta publicação].
www.museu.gulbenkian.pt «A Colecção»: «Arte Oriental e Clássica»: «Arte do Extremo Oriente»: «Inro INV. 1364»	«Inro Hara Yoyusai (1772-1845) Japão, finais do século XVII-início século XIX Laca, madrepérola e pedras duras. 7,5 x 2,5 x 5,5 cm INV.º 1364 Este inro em laca vermelha, de quatro caixas ou compartimentos, tem a assinatura de Yuyusai. A composição decorativa que se prolonga por toda a superfície da peça, representa um esquilo, em relevo, suspenso nos ramos de uma videira, com cacho de uvas pendente, em madrepérola, algumas folhas em marfim colorido de verde e contas em hiramakie (pintura a ouro polvilhado sem relevo). A assinatura do artista na base em letras douradas. No interior do inro foi utilizada a técnica nashiji (laca polvilhada com pequenas partículas de ouro).»

II. Dois fragmentos de um retábulo flamengo (INV. 79 A e 79 B)

(1961) FCG/SERVIÇO DE MUSEU, Pinturas da Colecção da Fundação Calouste Gulbenkian, 1961, n.º 9 e n.º 10, pp. 24-26. (Catálogo da Exposição apresentada no MNAA, a partir de Fevereiro de 1961) ⁵³	«WEYDEN, Rogier Van der – atribuído a – (1399/400-1464) Escola Flamenga 9. SANTA CATARINA Parece tratar-se de um fragmento de um grande retábulo. Martin Davies que se ocupou do seu estudo sugere que tanto esta pintura como a n.º10 do catálogo tenham pertencido ao retábulo de que também fez parte “Madalena” da National Gallery de Londres do artista citado. Óleo sobre madeira Dimensões: 0m,21x0m,18
---	---

⁵³ Logo a seguir ao texto de apresentação deste catálogo surge a seguinte advertência: «O texto deste catálogo foi organizado pelo Serviço do Museu de harmonia com as informações dos Catálogos da National Gallery de Londres de 1937 e da National Gallery of Art de Washington de 1950. O catálogo apresenta-se por ordem alfabética de Escolas e em cada Escola por ordem alfabética dos nomes dos artistas.» IN.: FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN/Serviço de Museu, *Pinturas da Colecção da Fundação Calouste Gulbenkian*, Lisboa: F.C.G., 1961, pág. 7.

	<p>Proveniência: Colecção Leo Nardus, Suresnes; adquirido por C. Gulbenkian em Julho de 1923.</p> <p>Bibliografia: Exposition de la Toison d'Or, Bruges, 1907, n.º 184; Max. J. Friedlander, Rogier Van der Weyden, Der Meister von Flamalle, gravs. XXXII e XXXIII; Martin Davies, Corpus des Primitifs Flamands (National Gallery), VOL. II; Martin Davies, "Roger van der Weyden's Magdalen Reading", in Miscelânea Prof. Dr. Roggen, Anvers, 1957, pp. 77-89.»</p> <p>«WEYDEN, Rogier Van der – atribuído a – (1399/400-1464) Escola Flamenga 10. FIGURA DE VELHO Vide. n.º 9 deste catálogo</p> <p>Óleo sobre madeira Dimensões: 0m,21x0m,18 Proveniência: Vide. n.º 9 deste catálogo Bibliografia: Vide. n.º 9 deste catálogo</p>
<p>(1969) [SERVIÇO DE MUSEU], Museu Calouste Gulbenkian. Roteiro, VOL. 2, N.º 552 e N.º 553 [pág. 11]</p>	<p>«Escola Flamenga / Séc. XV WEYDEN, Rogier van der (1399/400-1464)</p> <p>552 - Busto da Virgem ou de Santa Catarina Têmpera e óleo (?) sobre madeira 0,21 x 0,18cm Prov. Colecção Leo Nardus, Suresnes. Colecção do Castelo de Nijenrode, Amsterdão n.º Inv.º 79 A»</p> <p>553 - Busto de S. José (?) Têmpera e óleo (?) sobre madeira 0,21 x 0,18cm Prov. Colecção Leo Nardus, Suresnes. Colecção do Castelo de Nijenrode, Amsterdão n.º Inv.º 79 B».</p>
<p>(1989) [SERVIÇO DE MUSEU], Museu Calouste Gulbenkian. Catálogo, N.º 896 e N.º 897, pág. 144. Foto a p/b pág. 355.</p>	<p>Informações novas: «Busto de Santa Catarina A. 0,212/0,217 x L. 0,185m</p> <p>Busto de S. José A. 0,207/0,21 x L. 0,182m»</p>
<p>(1996) Maria Teresa Gomes Ferreira (Plano e sistematização), Museu Calouste Gulbenkian. Roteiro</p>	<p>[Não foram incluídos nesta publicação].</p>
<p>(1998) Maria Helena Soares da Costa; Maria Luísa Sampaio, Museu Calouste Gulbenkian:</p>	<p>Adquiridos por intermédio de Colnaghi na Venda da Colecção do Castelo de Nijenrode, Casa Frédérik Muller, Amsterdão, a 10 de Julho de 1923. «Várias tentativas de reconstituição do retábulo a que</p>

<p>Pintura, pp. 58-63</p>	<p>pertenceram originalmente estes dois fragmentos têm sido propostas por especialistas da obra de Rogier Van der Weyden. A Martin Davies se deve a associação deste Busto de S.José com o fragmento de maiores dimensões (A.0, 619 x L. 0,542m) da National Gallery, de Londres, representando a figura de Madalena lendo. A descoberta data de 1956, por ocasião de restauros feitos à obra que, ao suprimir o fundo cromático uniforme à volta da figura da Madalena, deixou a descoberto aspectos do aposento em que a cena se desenrola.</p> <p>Por razões que permanecem desconhecidas, este último fragmento, foi separado, tal como os nossos bustos, de um retábulo de grandes dimensões. Um desenho do Museu Nacional de Estocolmo, atribuído ao Mestre de KJoburger Rundblater, veio fornecer pistas para uma possível reconstituição. Datável do final do século XV, o desenho parece ser uma cópia parcial da obra de Van der Weyden [...].</p> <p>Davis identificou-o como sendo S. José – um magnífico retrato realista, idêntico pelos traços fisionómicos a outra figura pertencente a uma Adoração dos Magospainel central de um tríptico da Alte Pinakotek de Munique [...]. Em 1907, por ocasião de uma exposição ocorrida em Bruges, La Toison d’Or, os fragmentos da Colecção Gulbenkian apareceram juntos. A mesma espessura (1,3cm) e as dimensões quase idênticas de ambos atestam igualmente a sua origem comum[...]. O estilo e a riqueza do vestuário estão de acordo com a identificação tradicional de Santa Catarina, uma Virgem de sangue real [...] embora a ausência de símbolos como a coroa mantenha esta proposta no campo das hipóteses.</p> <p>Fridlander, como aliás a maioria dos estudiosos, considera as duas cabeças indissociáveis de um mesmo conjunto, que se pensa ter sido no seu todo uma das principais obras de Rogier Van der Weyden. É importante no entanto referir, como conclusão, que ambos os fragmentos admitem uma exposição museológica autónoma e podem, como obras de arte, existir por si sós.</p> <p>Sobre as datações as opiniões dividem-se entre os anos de 1432 (Beenken) e 1440 (Friedlander).»</p> <p>Segue-se uma lista das exposições onde estas obras estiveram expostas.</p> <p>«EXPOSIÇÕES: Exposition de la Toison d’Or, Bruges, 1907, (n.º 184 e n.º 184); Flemish and Belgian Art, Londres, Burlington House, 1927 (n.º 28 e n.º 32); Pinturas da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, 1961-1963 (n.º 9 e n.º 10); Obras da Colecção Calouste Gulbenkian, Oeiras, palácio Pombal, 1965-1969 (n.º 167 e n.º 168); Rogier</p>
---------------------------	---

	Van der Weyden – Rogier de la Pasture, Bruxelas, Maison du Roi, 1979 (n.º 9).»
(1998) Maria Helena Soares da Costa; Maria Luísa Sampaio, Museu Calouste Gulbenkian: Pintura. Guia, pp. 58-63	O texto deste «guia» repete, num resumo das ideias principais, o texto da obra das mesmas autoras (Conservadoras do MCG) Maria Helena Soares da Costa; Maria Luísa Sampaio, Museu Calouste Gulbenkian: Pintura, 1998, pp. 58-63.
(2001) Luísa Soares (LS) [Conservadora do MCG] “Rogier Van der Weyden”, IN.: João Castel-Branco Pereira; Nuno Vassalo e Silva (Coordenação geral), Museu Calouste Gulbenkian, N.º 67, pág. 91. (Fotos a cores).	Reproduz as ideias principais apresentadas pelas autoras em Maria Helena Soares da Costa; Maria Luísa Sampaio, Museu Calouste Gulbenkian: Pintura, 1998, pp. 58-63. Corrige a datação do desenho do Museu Nacional de Estocolmo para meados do século XV, intitulando-o: A Virgem e o Menino e Santos.
(2004) [SERVIÇO DE MUSEU], Guia do Museu Calouste Gulbenkian, pág. 92.	Repete parte do texto da publicação Luísa Soares [Conservadora do mcg] “Rogier Van der Weyden”, IN.: João Castel-Branco Pereira; Nuno Vassalo e Silva (Coordenação geral), Museu Calouste Gulbenkian, N.º 67, pág. 91.
(2004) João Castel-Branco Pereira (edição lit.), 365 obras do Museu Calouste Gulbenkian	Os títulos/temas das duas pinturas surgem interrogados: «Busto de Santa Catarina (?) [...] Busto de S. José (?)» Reprodução fotográfica a cores dos dois fragmentos. Não é referido que se tratam de fragmentos. Não é estabelecida qualquer relação directa entre eles.
www.museu.gulbenkian.pt «A Colecção»: «Arte Europeia»: «Pintura»: «Busto de Santa Catarina (?) / Busto de S. José».	«Busto de Santa Catarina (?) / Busto de S. José Rogier van der Weyden (1399/1400-1464) Flandres, c. 1435-37 Têmpera a óleo (?) sobre madeira 21,2/21,7 x 18,5 cm; 20,7/21 x 18,5cm Ambos os fragmentos fizeram parte de um retábulo separado por razões desconhecidas, ao qual também pertenceu a pintura Madalena lendo (The National Gallery, Londres). Julga-se que o conjunto, originalmente uma Sacra Conversazione, terá constituído uma das primeiras obras da primeira fase de produção autónoma de Rogier van der Weyden.. Foi considerada a hipótese da figura feminina representar santa Catarina de Alexandria, já que a riqueza do vestuário é coerente com a sua representação tradicional. Exibe, entretanto, a agradável tendência colorista do Mestre. No outro fragmento pode admirar-se

	<p>a figura de S. José dotada de uma expressividade pouco comum na representação da época. Num plano intermédio, a arquitectura gótica, contida em frios valores cromáticos, contribui para a construção da perspectiva.</p> <p>A paisagem, em fundo, plena de luminosidade, descrita nas duas tábuas com precisão, desenvolve o espaço em profundidade e sugere, de acordo com o conceito plástico inovador praticado pelos mestres primitivos flamengos, a sensação de uma atmosfera real.».</p>
<p>Texto do áudio guia do Museu Calouste Gulbenkian, N.º 401 – serviço disponível ao visitante desde Dezembro de 2006.</p>	<p>«Busto de Santa Catarina. Busto de S. José. Estes dois fragmentos, pintados cerca de 1435-37, a têmpera sobre madeira, fizeram parte de um retábulo – uma Sacra Conversazione – separado por razões desconhecidas, ao qual pertenceu também a figura de Madalena lendo actualmente na National Gallery em Londres.</p> <p>A figura feminina, pela riqueza do seu vestuário, poderá representar Santa Catarina de Alexandria. Embora a ausência dos seus atributos habituais não permita uma identificação conclusiva.</p> <p>A figura do outro fragmento, S. José, afirma-se pela sua qualidade de representação realista.</p> <p>A representação do exterior, em ambas as tábuas, constrói com minúcia, um espaço luminoso que sugere uma atmosfera real.</p> <p>Rogier van der Weyden, o seu autor, foi um dos grandes mestres da pintura flamenga do século XV.».</p>

ANEXO 3

Contributo para uma biografia de Maria José de Mendonça (1905-1976)

Maria José de Mendonça nasceu em **Lisboa**, em **1905**.

Em 1933, começou a trabalhar no Museu Nacional de Arte Antiga como Conservadora tirocinante⁵⁴, concluindo o seu estágio em 1938⁵⁵. Em 1944 tornou-se Conservadora efectiva deste museu, com responsabilidade directa sobre as colecções de têxteis.⁵⁶ A Maria José de Mendonça deve-se o inventário de todos os têxteis das colecções públicas, existentes nos museus, palácios e outros edifícios públicos⁵⁷ e o trabalho fundamental de conservação e restauro de grande parte desse património inventariado. Foi deste processo que resultou a criação, com a colaboração directa de Maria José Taxinha, da Oficina para o Tratamento de Têxteis do Instituto de José de Figueiredo, que começou a funcionar em 1956⁵⁸. Do estudo das colecções de têxteis, sobretudo daquela de que era responsável como Conservadora, resultou também um importante trabalho de organização de exposições temporárias.

⁵⁴ VID.: Vítor Manuel Teixeira Manaças, *Museu Nacional de Arte Antiga: uma leitura da sua história (1911-1962)*, Dissertação de Mestrado em História da Arte, F.C.S.H.-U.N.L., Lisboa, 1991, VOL. 1, pág. 163.

⁵⁵ VID.: Maria José Taxinha, “Maria José Mendonça e a criação da Oficina para o tratamento de Têxteis”, *Inventário de tapeçarias existentes em museus e palácios nacionais*, Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, 1983, pág. 9.

⁵⁶ VID.: Vítor Manuel Teixeira Manaças, *Museu Nacional de Arte Antiga: uma leitura da sua história (1911-1962)*, Dissertação de Mestrado em História da Arte, F.C.S.H.-U.N.L., Lisboa, 1991, VOL. 1, pág. 164.

⁵⁷ Essa recolha feita por Maria José Mendonça em 1939-40 permaneceu inédita até 1983. VID.: GUEDES, Natália Correia, “Apresentação”, IN.: Maria José Mendonça, *Inventário de tapeçarias existentes em museus e palácios nacionais*, Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, 1983, pág. 6.

⁵⁸ «Depois de terminar o seu estágio de Conservadora em 1938, a Dra. Maria José de Mendonça foi encarregada, pela Direcção do Museu Nacional de Arte Antiga, de fazer o estudo de classificação e o inventário das tapeçarias das colecções do Estado [existentes nos Museus, Palácios e outros edifícios públicos]. [...] Durante essa actividade, teve oportunidade de examinar e verificar as precárias condições de conservação em que se encontravam as cento e setenta tapeçarias de fabrico flamengo, francês, espanhol, holandês e português, dos séculos XVI a XIX. Foi perante o problema de conservação [...] que começou a planear a organização de uma oficina para o tratamento de tapeçarias. Procedeu à sua instalação numa das dependências do então Instituto de Restauro anexo ao Museu Nacional de Arte Antiga [...]. A Oficina para tratamento de tapeçarias e tapetes entrou em laboração no ano de 1956. Conhecedora de preciosas colecções de tecidos, bordados e rendas, existentes no país, não só nos Museus e Igrejas da capital, como da província, e também por serem estas as peças que apresentam maiores problemas de conservação, devido à sua grande fragilidade, [Maria José de Mendonça] pensou, desde logo, na instalação de uma secção destinada a este fim, que adequadamente apetrechada começou a funcionar em 1959.». IN.: Maria José Taxinha, “Maria José Mendonça e a criação da Oficina para o tratamento de Têxteis”, *Inventário de tapeçarias existentes em museus e palácios nacionais*, Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, 1983, pág. 9.

O seu trabalho como Conservadora – quer no que respeita ao inventário, quer ao restauro, quer à investigação das colecções e sua exposição, quer ainda à organização dos espécimes nas Reservas dos museus – foi sendo divulgado nos artigos que publicou, sobretudo no *Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga*⁵⁹, e depois no *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*⁶⁰.

Em Agosto de 1956, Maria José Mendonça foi convidada para colaborar com a Fundação Calouste Gulbenkian. Tinha então 51 anos de idade.

Na Fundação trabalhou fundamentalmente em duas áreas: a da programação do museu da Fundação e a das exposições temporárias. No que se refere ao Museu da Fundação Calouste Gulbenkian, o seu papel foi decisivo na programação base, estruturada entre Agosto de 1956 e Janeiro de 1959.⁶¹ MJM foi autora do documento que lançou as primeiras linhas de programação do Museu da Fundação Calouste Gulbenkian (Relatório datado de Dezembro 1956); Coordenou o processo de inventário da Colecção do MCG; Foi a principal responsável pelo «Esboço do Programa» do Museu, datado de Julho de 1957; foi co-autora do «Programa» do MCG apresentado por o Conselho de Administração/ JAP, em Abril de 1959, às equipas de arquitectos participantes no *Concurso para o ante-projecto dos edificios da sede e museu da FCG* e participou nas discussões com G. H. Rivière relativamente à programação do Museu. Das posições comuns destes dois programadores do MCG deu conta o museólogo francês no seu primeiro relatório de consultoria.⁶²

Quanto à responsabilidade de MJM na programação de exposições temporárias realizadas pela FCG antes da abertura do seu Museu ao público, é de destacar o comissariado da «A Rainha D. Leonor. Exposição», apresentada em 1958⁶³ no

⁵⁹ O *Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga* foi publicado entre Janeiro de 1939 e Dezembro de 1941.

⁶⁰ O *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga* foi publicado entre Dezembro de 1944 e 1966.

⁶¹ Em Dezembro de 1969, no texto assinado por Maria Teresa Gomes Ferreira, então Directora do Museu Calouste Gulbenkian, no número 56 da «Colóquio. Revista de Artes e Letras», dedicado à «Inauguração da Sede e Museu», surgem atribuídas a Maria José Mendonça as seguintes autorias/responsabilidades relativamente ao Museu Calouste Gulbenkian: «Planeamento e Estudos Preliminares» (com o Engenheiro Luís Guimarães Lobato) e «Inventariação e Primeiro Programa» (com Maria Teresa Gomes Ferreira, Maria Helena Soares da Consta e o Arquitecto José Aleixo da França Ribeiro). VID.: Maria Teresa Gomes Ferreira, «Museu», *Colóquio Revista de Artes e Letras*, N.º especial sobre a Inauguração da Sede e do Museu da F.C.G., Dezembro 1969, pág. 84.

⁶² VID.: *Rapport sur les 3 études de conception du musée de la Fondation Calouste Gulbenkian et sur la suite à donner a ces travaux*, Lisbonne – Paris, 11-15 mars 1960, págs. 2 e 16. (AFCG).

⁶³ A «Exposição Comemorativa do V Centenário do nascimento da Rainha D. Leonor», comissariada por Maria José de Mendonça e com projecto de design do arquitecto Conceição Silva, realizada em Lisboa, no Mosteiro da Madre de Deus, em Dezembro de 1958, inaugurou a programação de

Convento da Madre de Deus, em Xabregas, após importantes obras de conservação do mosteiro, subsidiadas pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Em Março de 1959, Maria José de Mendonça começou a colaborar com a *Colóquio. Revista de Artes e Letras*.⁶⁴

Em Abril de 1959, MJM visitou os EUA a convite do governo norte-americano.⁶⁵

exposições temporárias da responsabilidade do Serviço de Belas Artes e Museu da FCG. Esta exposição não integrou no seu acervo qualquer objecto da antiga Colecção de Calouste Gulbenkian. A F.C.G. custeou as obras de conservação do Mosteiro e assumiu a responsabilidade de realização da exposição.

Pouco tempo depois, em 1959, o arquitecto responsável pela montagem museográfica desta exposição, viria a ser convidado para o «Concurso dos estudos de concepção dos edifícios da sede e do museu da Fundação Calouste Gulbenkian». Numa primeira versão das equipas de arquitectos convidadas pela F.C.G., Conceição Silva fez parte da equipa de Alberto Pessoa, Ruy Athougua e Pedro Cid. VID.: Ana Tostões, *Fundação Calouste Gulbenkian. Os Edifícios*, Lisboa: F.C.G., 2006, pág. 83.

As imagens fotográficas da exposição comemorativa dos 500 anos do nascimento da rainha mecenas D. Leonor permitem adivinhar algumas soluções que a posteriori sentiremos *familiares* das que foram adoptadas nas exposições temporárias da colecção Gulbenkian no período 1958-1967. Poder-se-á inserir esta exposição numa linha de ensaios museográficos conducentes a soluções ulteriormente adoptadas nas galerias de exposição permanente do Museu Calouste Gulbenkian? VID.: Maria José Mendonça (Org.), *A rainha D. Leonor: Exposição Realizada pela Fundação Calouste Gulbenkian no Mosteiro da Madre de Deus*, Lisboa: F.C.G., Dezembro de 1958 e Maria José Mendonça, “A Exposição da Rainha D. Leonor no Mosteiro da Madre de Deus”, *Colóquio Revista de Artes e Letras*, n.º 2, Março 1959, pp. 12-15. Neste artigo, MJM faz uma descrição do circuito da visita à exposição por si comissariada. Na ficha técnica que abre este Catálogo, Maria José Mendonça encabeça a lista dos organizadores desta exposição e é identificada como «Conservadora do Museu nacional de Arte Antiga e Consultora da Fundação Calouste Gulbenkian». VID.: Maria José Mendonça (Org.), *A rainha D. Leonor: Exposição Realizada pela Fundação Calouste Gulbenkian no Mosteiro da Madre de Deus*, Lisboa: F.C.G., Dezembro de 1958, pág. 5.

Maria Teresa Gomes Ferreira, também responsável pela organização desta exposição, é apresentada como: «Conservadora do Serviço de Belas-Artes da Fundação Calouste Gulbenkian». VID.: *Ibidem*, pág.5. «Montagem [da exposição] do arquitecto Conceição Silva.» VID.: *Ibidem*, pág.5.

Em Janeiro de 1959, no primeiro número da revista da F.C.G., foi publicado um artigo sobre esta exposição, assinado por Reinaldo dos Santos, que era Director Artístico desta revista. VID.: Reinaldo dos Santos, “Dona Leonor no Mosteiro da Madre de Deus”, *Colóquio. Revista de Artes e Letras*, 1.ª Série, n.º 1, Janeiro 1959, pp. 51-55.

No «[I] Relatório do Presidente», referente ao período que vai de 20 de Junho de 1955 a 31 de Dezembro de 1959, José de Azeredo Perdigão relata uma série de aspectos relacionados com esta exposição, sem, contudo, referir o nome de Maria José de Mendonça. VID.: José de Azeredo Perdigão (1961), *Relatório do Presidente*, Lisboa: F.C.G., 1961, 3.ª PARTE – “A obra realizada em Portugal, país da sede, e os princípios que a têm orientado”, Capítulo 4.º - “Artes”, 5.º - “Museu da Fundação”, I – “A obra realizada”, b) “Exposição «A Rainha D. Leonor»”: pp. 95-97.

⁶⁴ No N.º 2 da revista editada pela F.C.G., Maria José Mendonça é apresentada como: «Conservadora do Museu Nacional de Arte Antiga, consultora da secção de Belas-Artes da Fundação Gulbenkian. Várias publicações sobre tapetes de Arraiolos, colchas indo-portuguesas, etc.». IN.: *Colóquio. Revista de artes e Letras*, N. 2, Lisboa: F.C.G., Março 1959, pág. 67.

⁶⁵ «“A Sr.ª D. Maria José de Mendonça parte hoje para os Estados Unidos em visita de estudo, como convidada do Governo desse país”, *Diário da Manhã*, Lisboa, 23 de Abril de 1959. AFCEG». Referido IN.: Ana Tostões (Coord. e concepção geral), *Sede e Museu Gulbenkian. Ensaios*, Lisboa: F.C.G., 2006, CD: «Catálogo. Cap. 3 – Do programa ao concurso. 1959 e a arquitectura dos anos 50», pág. 20, nota 57.

Ainda nesse mês, na «I Reunião dos Conservadores dos Museu, Palácios e Monumentos Nacionais», Maria José Mendonça, profere uma conferência intitulada «O Museu de Crianças de Brooklin. Sua organização e Programa» em que se reporta para a sua recente experiência de conhecimento directo desse museu.

Em Setembro de 1960, MJM pediu a demissão da FCG e em Dezembro de 1960, deixou o Serviço de Belas Artes e Museu da Fundação Calouste Gulbenkian, voltando para o Museu Nacional de Arte Antiga.

Em 1962 assumiu a direcção do Museu Nacional dos Coches. Introduziu «modificações no arranjo das galerias abertas ao público.».⁶⁶

Em 1962 João Couto (Director do M.N.A.A. entre 1938 e 1962, tendo tido como único antecessor José de Figueiredo, Director entre 1910 e 1937), por ter atingido o limite de idade, deixou a direcção do Museu Nacional de Arte Antiga, sendo substituído pelo Conservador Abel de Moura.

Em 1967, Abel de Moura assumiu a direcção do Instituto José de Figueiredo e Maria José Mendonça deixou a direcção do Museu Nacional dos Coches para assumir a direcção do Museu Nacional de Arte Antiga, onde se manteve até 1975.⁶⁷

João Couto, logo em 1953, reservara duas salas das galerias de pintura estrangeira para a exposição permanente de um núcleo de peças da doação que, entre 1949 e 1952, Gulbenkian fizera ao Museu Nacional de Arte Antiga. Em 1970, já depois de inaugurado o Museu Gulbenkian, Maria José Mendonça *revê* a exposição da doação Gulbenkian ao Museu Nacional de Arte Antiga.⁶⁸ Em 1971, MJM era Presidente da Direcção da APOM.⁶⁹

Maria José Mendonça reformou-se em 1975 e morreu em 1976.

⁶⁶ VID.: Maria José Mendonça “Nota à 5.^a Edição”, *Museu Nacional dos Coches. Guia do Visitante (ilustrada)*, Lisboa, M.E.N.-D.G.E.S.B.A., 1963, pág. 5.

⁶⁷ VID.: Vítor Manuel Teixeira Manaças, *Museu Nacional de Arte Antiga: uma leitura da sua história (1911-1962)*, Dissertação de Mestrado em História da Arte, F.C.S.H.-U.N.L., Lisboa, 1991, VOL. 1, pág. 165.

⁶⁸ «[...] en octobre de la même année, on a procédé à un nouvel aménagement de la seconde salle de la donation Calouste Gulbenkian, dans le but de rendre au grand collectionneur, lors de l'inauguration du siège et du musée de la Fondation qu'il institua au Portugal. Actuellement, les travaux d'installation de la Salle Antenor Patiño sont en cours, laquelle présentera un ensemble précieux d'art ornemental français du XVIII^e siècle, offert par ce collectionneur au Musée National d'Art Ancien.» IN.: Maria José de Mendonça, [Introdução], *Guide du Musée National d'Art Ancien*, Lisboa: M.N.A.A., 1971, [Traduction de l'édition portugaise de 1969], pág. 4

⁶⁹ VID.: APOM, *Museus e Educação: seminário organizado pela Associação Portuguesa de Museologia*, Lisboa, 1971, pág. 5.

Bibliografia activa (1939-1976):

Maria José Mendonça

- (1939) “A Colecção de Tapeçarias do Museu das Janelas Verdes”, *Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga*, Vol.1, n.º 1, Janeiro de 1939, pp. 25-32.
- (1939) “As Tapeçarias de Marco Aurélio”, *Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga*, Vol.1, n.º 2, Julho de 1939, pp. 57-67.
- (1939) “Um álbum de desenhos de A.J. Noel na colecção do Museu das Janelas Verdes”, *Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga*, Vol. 1, n.º 3, Julho a Dezembro de 1939, pp. 115-121.
- (1940) *Relação dos panos de Raz existentes nas colecções do Estado*, Lisboa: Boletim da Academia Nacional de Belas Artes, 1940.
- (1939) “Conservação, restauro e apresentação de tapeçarias e tapetes antigos”, *Boletim dos Museus Nacionais de Arte Antiga*, Vol.1, n.º 5, Janeiro a Junho de 1941, pp. 28-36.
- (1944) “Uma tapeçaria dos Vícios e das virtudes. «A Música», *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, Vol.1, n.º 1 Janeiro a Dezembro de 1944, pp. 30-36.
- (1945) *Catálogo da 1ª exposição de arte sacra moderna* [texto] Maria José de Mendonça, Lisboa: União Noelista Portuguesa, 1945.
- (1948) João Couto [Apresentação]; Maria José de Mendonça [Introdução e organização] *Rendas portuguesas e estrangeiras dos séculos XVII a XIX: MNAA 8ª Exposição Temporária*, Lisboa: MNAA, 1948.
- (1949) “Alguns tipos de colchas indo-portuguesas na colecção do Museu de Arte Antiga», *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, Vol.2, n.º 2 Janeiro a Dezembro de 1949, pp. 1-21.

- (1953) “Bordados Indo-portuguesas: Novas aquisições do Museu de Lisboa”, *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, Vol.3, n.º 1, Lisboa, Janeiro a Dezembro de 1953, pp. 34-39.
- (1955) “A Oficina de Beneficiamento de Tapeçarias do Instituto de Restauro de Lisboa”, *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, VOL.3, n.º 2, Lisboa, Janeiro a Dezembro de 1954, pp. 65-68.
- (1956 [1962]) “A oficina de conservação de têxteis de Lisboa”, Separata da Revista “Ocidente”, VOL. LXII, Lisboa, 1962.
- (1958) “A Oficina de Beneficiamento de Têxteis do Instituto de Restauro de Lisboa”, *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, Vol.4, n.º 2, Lisboa, Janeiro a Dezembro de 1959, pp. 17-22.
- (1958) *A rainha D. Leonor: Exposição*, Lisboa: F.C.G., 1958 [Catálogo da exposição realizada no Mosteiro da Madre de Deus]
- (1959) “A exposição da Rainha Dona Leonor no Mosteiro da Madre de Deus”, *Colóquio Artes e Letras*, n.º2, Lisboa: F.C.G., Março 1959, pp. 16-23.
- (1960) “A Oficina de Conservação de Têxteis. Organização, instalação e método de trabalho”, *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, Vol.4, n.º 3, Lisboa, Janeiro a Dezembro de 1960, pp. 7-17.
- (1961) “A Oficina de Conservação de Têxteis em Lisboa”, *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, Vol.4, n.º 4, Lisboa, Janeiro a Dezembro de 1961, pp. 23-31. (Comunicação apresentada na 2.º Reunião dos Conservadores dos Museus, Palácios e Monumentos Nacionais)
- (1961) “Oficina de Conservação de Têxteis”, *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, Vol.4, n.º 4, Janeiro a Dezembro de 1961, pp. 33-34.

- (1961) *Uma tapeçaria da época dos Descobrimentos com as armas reais portuguesas*, Separata da Revista “Ocidente”, VOL. LX, Lisboa, 1961. [Comunicação feita na Reunião de Conservadores do Museu Nacional de Arte Antiga].
- (1961) *Restauro e Conservação de têxteis dos museus da província*, Viseu, Separata da Revista “Viriatius”, VOL. IV, Lisboa, 1960. [Comunicação I Reunião dos Conservadores dos Museus, Palácios e Monumentos Nacionais, Setembro 1960]
- (1961) *O Museu de Crianças de Brooklin*, Viseu, Separata da Revista “Viriatius”, VOL. IV, Lisboa, 1960. [Comunicação I Reunião dos Conservadores dos Museu, Palácios e Monumentos Nacionais, Setembro 1960].
- (1962) *Processos de defesa das obras de arte contra os danos causados pela luz*, Separata da Revista “Museu”, Segunda Série, n.º 5, Porto, 1963. [Comunicação apresentada na 3.ª I Reunião dos Conservadores dos Museus, Palácios e Monumentos Nacionais, Porto, Setembro de 1962]
- (1963) *As arrecadações de arte ornamental e de escultura do Museu de Arte Antiga*, Separata da Revista “Museu”, Porto, 1963.
- (1963) “Nota à 5.ª Edição”, *Museu Nacional dos Coches. Guia do Visitante (ilustrada)*, Lisboa, M.E.N.-D.G.E.S.B.A., 1963.
- (1969), *Guia do Museu Nacional de Arte Antiga*, Lisboa: M.E.N.-D.G.E.S.B., 1969.
- (1970), [Tradução de:] Pearl Buck, *Um dia feliz*, Lisboa: Ed. Verbo, Col. Biblioteca Infantil, 1970.

- (1970) “O Dr. João Couto e o Museu de Arte Antiga”, *In Memória*, Lisboa: F.C.G., 1970, pp. 109-114.
- (1971) *Guide / Musée National d’Art Ancien*, Lisboa: M.N.A.A., 1971. [Traduction de l’édition portugaise de 1969]
- (1971) [Apresentação de Maria José de Mendonça; introdução de Maria Madalena Cagigal e Silva], *Exposição de silhuetas da baronesa Eveline Von Maydell*, Lisboa: Ministério da Educação Nacional, 1973.
- (1973) [Com:] Maria José Ferreira Taxinha; Maria Emília Amaral] *O loudel do rei D. João I*, Lisboa, 1973. [2ªed., 1981].
- (1973) [Apresentação de Maria José Mendonça], Maria Helena Mendes Pinto, José Francisco de Paiva: *ensamblador e arquitecto do Porto, 1744-1824*, Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, 1973.
- (1974) [Apresentação: Maria José de Mendonça; introdução de Natália Correia Guedes], *O Traje civil em Portugal*, Lisboa: Ministério da Educação Nacional, Direcção Geral dos Assuntos Culturais.
- (1976) [Com:] Maria José Taxinha; Maria Manuela Pilar, *Vocabulário Técnico de Têxteis Antigos* [Vocabulário português com os termos correspondentes em seis línguas], CIETA [Centre International d’Étude de Textils Anciens], 1976.

Publicação póstuma:

- (1983) *Inventário de tapeçarias existentes em museus e palácios nacionais*, Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, 1983.

ANEXO 4

Exposições temporárias da Colecção do museu da Fundação Calouste Gulbenkian realizadas antes da abertura do museu (1960-1968)

Foram cinco as exposições temporárias da Colecção do museu da Fundação Calouste Gulbenkian realizadas antes da abertura do Museu ao público.

Uma em Paris, com a duração de um mês; duas em Lisboa, no Museu Nacional de Arte Antiga, cada uma com uma duração de cerca de 2 anos; uma no Museu Nacional Soares dos Reis, com a duração de um mês; e, por fim, outra no palácio da Fundação Calouste Gulbenkian, em Oeiras, patente durante cerca de 2 anos.

A primeira exposição de obras da Colecção da Fundação Calouste Gulbenkian data de Outubro de 1960. Ocorreu, portanto, num momento em que já fora aprovado um *anteprojecto* dos edifícios da sede e do museu da FCG. E mesmo que a apresentação pública da maqueta do projecto vencedor do concurso apenas se viesse a verificar em Dezembro de 1961 - num dos pavilhões da F.I.L., no âmbito da II Exposição Geral de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian - a verdade é que quando JAP/Conselho de Administração decidiu iniciar a divulgação da Colecção do futuro museu – começando por apresentar um importante núcleo de Pintura na antiga casa de Gulbenkian (Dezembro de 1960) e, uns meses mais tarde, no mais importante museu português (exposição inaugurada em Fevereiro de 1961, no MNAA) - já não havia razões para alguém duvidar de que a Fundação Calouste Gulbenkian iria construir de raiz um edifício para um museu que, em Lisboa, reunisse a Colecção que lhe fora legada por Calouste Gulbenkian.

1. Paris, Outubro de 1960.

Local de realização: Paris, Casa em que Gulbenkian viveu na Av. de Iéna.

Período em que esteve patente: 6 de Outubro de 1960 – final de Outubro 1960

Organização da exposição: Serviço do Museu da FCG.

Montagem: Serviço de Projectos e Obras da FCG.

Título da exposição: *Tableaux de la Collection Gulbenkian*.

Acervo (n.º de obras): 38 pinturas.

A 6 de Outubro de 1960, inaugurou em Paris uma exposição do núcleo de pinturas que desde 1950 tinham estado depositadas na *National Gallery of Art* de Washington. Esse mesmo núcleo da Colecção que pertencera a Calouste Gulbenkian, estivera exposto na National Gallery of Art de Londres, entre 1936 e 1939 [1950].

O texto do catálogo desta exposição é introduzido pela seguinte informação:

«Le texte de ce catalogue a été établi par le Service du Musée de la Fondation Calouste Gulbenkian conformément aux indications se trouvant dans le catalogue de la National Gallery, Londres, 1937, et celui de la National Gallery of Art, Washington, 1950.

Il est présenté par ordre alphabétique d'école et, pour chaque école, par ordre alphabétique d'artiste».⁷⁰

Esta exposição teve como pano de fundo o processo de reunião, em Portugal, de toda a herança legada por Calouste Gulbenkian à F.C.G,

De Washington para Lisboa (Oeiras) o conjunto de 38 pinturas fez escala em Paris, sendo expostas, durante o mês de Outubro de 1960, no palacete que servira de residência de Calouste Gulbenkian.⁷¹

A decisão de efectuar esta escala entre Washington e Lisboa, esteve relacionada com a política diplomática que o Conselho de Administração da FCG desenvolveu junto do Governo Francês, no sentido de o convencer a aceitar a transferência de todos os objectos da Colecção de Gulbenkian que ainda se encontravam em Paris.

Na reunião da Comissão Delegada do Conselho de Administração, realizada no dia 15 de Março de 1960, JAP «apresentou a sugestão de que a projectada exibição, ao público francês, da “Diana”, se faça na própria Avenida de Iéna, aquando da

⁷⁰ IN.: FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, *Tableaux de la Collection Gulbenkian*. Paris. Octobre 1960, Lisboa, 1960, [pág. 9.]

⁷¹ Desse depósito realizado por Calouste Gulbenkian, fazia também parte o núcleo de arte egípcia, igualmente transferido para a FCG mas que não foi exposto em Paris.

inauguração do já anunciado Instituto Franco-Português, mas integrando-a numa exposição de grande nível, em que se dariam também a conhecer algumas das peças fundamentais da Colecção de Washington.

Semelhante exposição, que duraria alguns meses, tinha a vantagem de constituir uma condigna inauguração do já referido Instituto e, sobretudo, afigura-se que facilitaria que a saída, de França, daquela escultura se fizesse com mais naturalidade e menos repercussão pública do que se tivesse sido exposta sozinha na Avenida de Iéna ou integrada no ambiente do Louvre.

Depois de cuidada discussão desta proposta, em que se fez uma revisão do aspecto político da questão, do prazo necessário para levar a efeito tal exposição, do custo da mesma, das pressões que possam vir a ser feitas sobre a Administração da Fundação, do prazo de validade da licença da exportação da “Diana”, etc., a Comissão Delegada aprovou unanimemente a sugestão do Senhor Presidente, autorizando-o a fazer a respectiva comunicação ao Embaixador de França em Lisboa.».⁷²

E foi assim que a 6 de Outubro de 1960, inaugurou, em Paris, a exposição do núcleo de pinturas da Colecção da FCG, dez anos antes depositadas pelo seu anterior coleccionador em Washington: «Com a assistência do Ministro dos Assuntos Culturais, M. André Malraux, e do Embaixador de Portugal, Dr. Marcello Mathias, procedeu-se a 6 de Outubro de 1960, em Paris, no Palácio da Avenida de Iéna, à inauguração da exposição das obras que antes haviam estado expostas em Washington na *National Gallery of Art*.».⁷³

A escolha do palácio parisiense onde C. Gulbenkian viveu com a sua família entre 1927 e 1940 e que faz parte do legado de Gulbenkian à FCG, deve, portanto, ser entendida no contexto destas negociações.

No texto da «Introdução» ao catálogo (apenas editado em francês, e que foi impresso em Lisboa em Setembro de 1960) destaca-se a importância internacional (ao nível da Europa e da América) da colecção reunida por Calouste Gulbenkian: «La Fondation Calouste Gulbenkian presente dans cette exposition une partie de la collection d’art que Calouste Gulbenkian a réunie tout au long de sa vie et qui, incontestablement,

⁷² IN.: *Extractos da Acta n.º63, da Reunião da Comissão Delegada realizada no dia 15 de Março de 1960*, 6 Abril de 1960. Documento enviado pelo Secretário do Conselho de Administração ao S.P.O., pág. 3

⁷³ IN.: José de Azeredo Perdigão, “3.ª Parte «A obra realizada em Portugal”, Capítulo 2.º - “Arte”, 4.º - “Museu da Fundação” *II Relatório do Presidente*, Lisboa: F.C.G., 1964, pág. 133.

peut être considérée comme l'une des plus importantes collections privées d'Europe et d'Amérique.». ⁷⁴

A qualidade exemplar dessa colecção é de seguida reforçada através da informação de que núcleos numerosos dessa colecção tinham estado expostos, por vontade de Calouste Gulbenkian, em exposições permanentes de museus de referência como a National Gallery of Art, em Londres e, em Washington, a National Gallery Of Art: «À la mort de Calouste Gulbenkian, les oeuvres d'art qui constituaient sa collection se trouvaient réparties en Angleterre, en France, et aux Etats-Unis d'Amérique. Les tableaux confiés à la National Gallery of Art de Washington y avaient été transférés, en 1950, après avoir été exposés, pendant quelques années, à la National Gallery de Londres.». ⁷⁵

Segue-se a referência ao museu da FCG «que vai ser construído em Lisboa». Note-se que se trata de um catálogo para visitantes maioritariamente franceses. A referência precisa à localização do futuro museu pode ser interpretada como uma divulgação internacional dessa informação, já divulgada em Portugal.

«Suivant les dispositions testamentaires, toute la collection appartient aujourd'hui à la Fondation Calouste Gulbenkian et, selon les instructions du Fondateur, elle sera exposée dans un Musée qui va être construit à cet effet à Lisbonne, dans le parc de Santa Gertrudes, à Palhavã.». ⁷⁶

A justificação desta apresentação de um núcleo de 38 pinturas [segundo os números do Catálogo] surge a rematar o texto que serve de introdução ao catálogo desta exposição. Alude-se, subtilmente, ao processo de negociação entre a FCG e o Governo francês, no decorrer do qual este último acabaria por ter que conceder autorização para deixar sair de França toda a antiga colecção de Calouste Gulbenkian, por vontade testamentária do coleccionador, pertença da FCG: «La Fondation remercie vivement la France et le Gouvernement Français des facilités qu'ils lui ont accordées – indépendamment de toutes considérations d'ordre juridique, ou des compensations de quelque nature que ce soit – en vue de transférer intégralement à Lisbonne la partie de la collection qui se trouvait en France, comme cela s'est fait ou

⁷⁴ IN.: FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, *Tableaux de la Collection Gulbenkian*. Paris. Octobre 1960, Lisboa, 1960, [pág. 5].

⁷⁵ IN.: FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, *Tableaux de la Collection Gulbenkian*. Paris. Octobre 1960, Lisboa, 1960, [pág. 5].

⁷⁶ IN.: FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, *Tableaux de la Collection Gulbenkian*. Paris. Octobre 1960, Lisboa, 1960, [pág. 6].

était sur le point de se faire, à l'époque, pour les objets conservés en Angleterre et aux Etats-Unis.

En témoignage de sa reconnaissance la Fondation présente à Paris, l'admirable ensemble de tableaux, qui de 1950 à 1960, fut exposé à la National Gallery of Art de Washington.

Cette exposition illustre aussi la création du Centre Culturel Luso-Français de la Fondation Calouste Gulbenkian, destiné à intensifier les relations entre le Portugal et la France, et qui occupera ce magnifique hotel de l'avenue d'Iéna.».⁷⁷

Dois meses após esta exposição, Reinaldo dos Santos, que era Director Artístico da «Colóquio – Revista de Artes e Letras», publicada pela FCG, assinou um artigo em que deu conta do sucesso dessa iniciativa, referindo um número aproximado de vinte mil visitantes: «A exposição de pinturas da Fundação Calouste Gulbenkian no palacete da Avenida Iéna foi um acontecimento artístico do mais alto relevo cujo êxito se traduziu no permanente número de visitantes que ali acorreram. Só no mês de Outubro, registaram-se mais de 20.000 entradas.

Representava um gesto de gentileza para com a França e de gratidão para com o seu governo, pelas facilidades concedidas, a exemplo das autoridades inglesas e americanas, à saída para Portugal das obras existentes em Paris e que pelo testamento do Fundador, deviam ser transferidas para o Museu de Lisboa.

Assim, Paris pode ver, mesmo antes de Portugal, a notável colecção de pinturas que, desde 1939, isto é há mais de vinte anos, figuravam no estrangeiro, primeiro na National Gallery de Londres (1939-1946) e depois na National Gallery of Art de Washington. Foi este admirável conjunto de 38 obras-primas que se inaugurou no passado dia 7 de Outubro, na Avenida Iéna, Centro Cultural luso-francês, agora criado pela Fundação Gulbenkian.».⁷⁸

⁷⁷ IN.: FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, *Tableaux de la Collection Gulbenkian. Paris. Octobre 1960*, Lisboa, 1960, [pág. 6].

⁷⁸ IN.: Reinaldo dos Santos, "A exposição Gulbenkian em Paris", *Colóquio. Revista de Artes e Letras*, 1.ª Série, n.º 11, Dezembro de 1960, pág. 16.

2. Lisboa, Fevereiro 1961-1962.

Local de realização: Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga.

Período em que esteve patente: Fevereiro de 1961 a «fins de 1962».⁷⁹

Organização da exposição: Serviço do Museu da FCG.

Montagem: Serviço de Projectos e Obras da FCG.

Título da exposição: *Pinturas da Colecção Calouste Gulbenkian*.

Acervo (n.º de obras): 38 pinturas.

O MNAA destacava-se no panorama museológico português, imediatamente pelas suas colecções. E a este nível ressalva-se o valor simbólico deste museu relativamente à FCG.

Como já tive oportunidade de desenvolver nesta dissertação, da colecção de Calouste Gulbenkian fez parte um valiosíssimo núcleo de 33 objectos doados pelo coleccionador ao MNAA, entre 1949 e Julho de 1952.⁸⁰ Esse núcleo assumia um lugar destacado na exposição permanente do MNAA.

O MNAA era também um museu de referência no panorama nacional graças ao trabalho exemplar da sua direcção. Tinha sido exemplar a do seu primeiro director, José de Figueiredo, e era também, desde 1937, a de João Couto.

João Couto fora o interlocutor directo de Calouste Gulbenkian, acompanhando-o em muitas das suas visitas ao MNAA e acatando todas as suas decisões relativamente à escolha dos objectos por si doados e ao seu desejo de os expor em permanência no MNAA, e a todos num único núcleo (a designada «Sala Gulbenkian»).

Também foi o MNAA, como já aqui referi, o local escolhido para a primeira cerimónia oficial de apresentação da FCG e simultânea homenagem/comemoração do 1.º aniversário da morte do Fundador/Coleccionador.

Quando a FCG escolhe o MNAA para apresentar a primeira exposição de pinturas da sua colecção – pinturas estas que, de acordo com a vontade de Gulbenkian, tinham estado expostas na National Gallery de Londres e, depois, na National Gallery de Washington e que, já sob a decisão da FCG, tinham sido expostas em Paris (três meses antes desta inauguração no museu lisboeta), o Director do MNAA agradeceu-

⁷⁹ Sobre a indicação da data em que finalizou esta exposição VID.: José de Azeredo Perdigão, “3.ª PARTE - “A Obra Realizada em Portugal”, Capítulo 2.º - Arte, 2º. – MUSEU – Colecção Calouste Gulbenkian”, *III Relatório do Presidente*, Lisboa: F.C.G., s/data, pág. 87. e João Couto, “Artes plásticas: Gulbenkian, o amigo do Museu Nacional de Arte Antiga e o coleccionador”, Separata da revista *Ocidente*, VOL. LXII, (n.º 290), 1962, pp. 289-290.

⁸⁰ VID.: nesta dissertação PARTE II. 1.2.4.1., pp. 99-103.

lhe: «[...] o Museu de Arte Antiga está agradecido por ter sido escolhida parte da Galeria para recolher o maravilhoso certame que aqui se vê. No dia em que o Senhor Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian se reuniu no Museu com o Senhor Director-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes para acordarem neste entendimento, o meu júbilo não teve limites.

Antes das salas cedidas e preparadas pelas Conservadoras da Fundação com tanto entusiasmo, gosto e saber, o público passa pelos dois compartimentos onde se mostram aquelas preciosidades entregues em vida de Gulbenkian ao Museu de Arte Antiga.».⁸¹

Foi feito um catálogo para esta exposição.

O texto deste Catálogo é uma tradução do texto do Catálogo da exposição apresentada em 1960, em Paris. E tal como se advertia naquele, também neste último, logo no início da publicação surge a informação de que os textos foram elaborados a partir dos textos dos catálogos da National Gallery de Londres (1937) e da National Gallery of art de Washington (1959).⁸²

Paralelamente, foram criados seis pequenos guias de apoio à visita a esta exposição, reunidos numa capa intitulada: «Exposição de Pintura. Visitas explicadas. Pinturas da Colecção da Fundação Calouste Gulbenkian. Museu Nacional de Arte Antiga. Lisboa 1961». Como autores dos textos surgem João Couto («Pintura dos Séculos XIV.XV e princípios do XVI»); Adriano de Gusmão («Pintura Flamenga e Holandesa do Século XVII»); Myron Malkiel-Jirmounsky («Pintura Italiana do século XVIII. Francesco Guardi»); Carlos de Azevedo («Pinturas Inglesas da 2.^a metade do Século XVIII – Princípios do Século XIX»); Armando Vieira Santos («Pintura Francesa do Século XVIII»); e José Júlio Andrade dos Santos («Pintura Francesa da Segunda Metade do século XIX»).

No âmbito desta exposição, realizou-se em 1962, no MNAA, um ciclo de conferências, promovido pela FCG.⁸⁴ Nele participaram: Anthony Blunt (em Janeiro de 1962⁸⁵), Pierre Pradel (em Março de 1962).⁸⁶

⁸¹ IN.: João Couto, “Artes plásticas: Gulbenkian, o amigo do Museu Nacional de Arte Antiga e o coleccionador”, Separata da revista *Ocidente*, VOL. LXII, (n.º 290), 1962, pág. 290.

⁸² VID.: nesta dissertação ANEXO 2.

⁸³ Cada um dos *fascículos* corresponde a uma sugestão de «visita explicada».

⁸⁴ VID.: «Actividades do Museu durante os anos de 1961-62», *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, Lisboa: M.N.A.A., VOL. 5, n.º 1, 1962, pág. 3.

⁸⁵ No número do «Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga» de 1962, na secção dedicada ao relatório de actividades, surgem referidas «2 conferências da Fundação Calouste Gulbenkian por Sir

3. Lisboa, 18 de Maio de 1963-1964

Local de realização: Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga.

Período em que esteve patente: 18 de Maio de 1963 a 1964.

Organização da exposição: Serviço do Museu da FCG.

Montagem: Serviço de Projectos e Obras da FCG (SPO).

Título da exposição: *Arte do Oriente Islâmico. Colecção de Calouste Gulbenkian.*

Acervo: 154 objectos (prevendo-se uma rotatividade).⁸⁷

«Em execução do programa, estabelecido pelo Conselho de administração, de dar a conhecer as obras de arte das diferentes secções da Colecção Calouste Gulbenkian, e após o encerramento, em fins de 1962, da *Exposição de Pintura da Colecção da Fundação Calouste Gulbenkian* que esteve patente ao público do Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa, quase durante dois anos, foi levada a efeito, em Maio de 1963, no mesmo Museu, uma *Exposição de Arte do Oriente Islâmico*.

Organizada pelo Serviço de Museu e montada pelo Serviço de Projectos e Obras, com a colaboração do pintor Fernando de Azevedo, esta exposição reuniu 154 peças da colecção, distribuídas por quatro sectores: Vidros, Cerâmica, Têxteis e Arte do Livro. O certame abrangeu objectos provenientes de centros de fabrico da Síria, da Pérsia e da Turquia, desde o século XII ao século XIX. No propósito de não prejudicar a representação das espécies de Têxteis e Iluminados e atendendo à necessidade de assegurar a sua conservação, estabeleceram-se períodos de rotação para as peças susceptíveis de se deteriorarem em exposição permanente.»⁸⁸

A Conservadora-chefe do MCG escreveu um artigo sobre esta exposição, para o «Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga», dirigido por João Couto.⁸⁹

Anthony Blunt.» IN.: «Visitas Colectivas 1962», *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, Lisboa: M.N.A.A., VOL. 5, n.º 1, 1962, pág. 35.

⁸⁶ «Conferência de Pierre Pradel, Conservador do Museu do Louvre.» IN.: «Visitas Colectivas 1962», *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, Lisboa: M.N.A.A., VOL. 5, n.º 1, 1962, pág. 36.

Nesta publicação do MNAA não está explicitado que a conferência de Pierre Pradel fez parte do ciclo de conferências promovido pela FCG no âmbito da exposição da sua colecção no MNAA. Esta conferência de P. Pradel foi apresentada em Março de 1962.

⁸⁷ Segundo o Catálogo «154 peças das quais apenas uma pequena parte participou até á data em exposições internacionais.» IN.: Maria Teresa Gomes Ferreira (1964), «A Exposição de Arte do Oriente Islâmico», *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, Lisboa, VOL. 5, n.º2, 1963-1964, pág. 24.

⁸⁸ IN.: José de Azeredo Perdigão, «3.ª PARTE - «A Obra Realizada em Portugal», Capítulo 2.º - «Arte».», 2.º. - «MUSEU – Colecção Calouste Gulbenkian», *III Relatório do Presidente*, Lisboa: F.C.G., s/ data, pág. 87-88.

⁸⁹ Da autoria da Conservadora-chefe do Museu da FCG foi ainda publicado um outro texto de 4 páginas com fotografias dos vários núcleos desta segunda exposição da Colecção da FCG no MNAA.

Nesse artigo, Maria Teresa Gomes Ferreira, lembra que o principal objectivo desta exposição foi o de divulgar a colecção do MCG, enquanto o Palácio de Oeiras não estava preparado e o edifício do MCG não estava construído; e destaca as características do catálogo criado para esta exposição. Este catálogo «inclui, além do estudo e reproduções da totalidade das obras de arte expostas, uma introdução de carácter histórico e outras de carácter técnico, o que permite uma melhor leitura e compreensão da mesma. Para a sua elaboração, foi pedida a colaboração de especialistas estrangeiros de grande nomeada.».⁹⁰

No catálogo da exposição temporária *Exposição de Arte do Oriente Islâmico*, Ernst Kuhnel ocupou-se das secções dos Vidros, Cerâmica e Têxteis e Basil Gray da secção da Arte do Livro e pelo texto de introdução histórica do catálogo.⁹¹

O catálogo desta exposição teve uma edição em português e outra bilingue (francês/inglês).

Maria Teresa Gomes Ferreira, no texto publicado no «Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga», descreve a divulgação da exposição e a preparação do trabalho directo com os visitantes: a «Conservadora das secções de cerâmica, vidro e arte do livro da secção de arte islâmica», Maria Manuela Soares de Oliveira, deu um curso de formação de monitores e de professores que viriam a estar responsáveis pela orientação de visitas à exposição; foi editado um «breve roteiro», para ser distribuído aos participantes das visitas; Notificaram-se 165 estabelecimentos de vários graus de ensino.

Para o bom aproveitamento da explicação, pareceu vantajoso fixar em 15 o número de participantes para cada visita. Raras vezes esse número foi excedido.

Realizaram-se 191 visitas num total de 2.300 visitantes.».⁹²

Em Outubro de 1963, no n.º 25 da *Colóquio Revista de Artes e Letras* foi publicada uma reprodução a cores de um dos manuscritos da Colecção da FCG, temporariamente exposto no MNAA.⁹³

VID.: Maria Teresa Gomes Ferreira, *Colecção da Fundação Calouste Gulbenkian. A Exposição de Arte do oriente Islâmico*, [s.l., s.ed. 1963].

⁹⁰ IN.: Maria Teresa Gomes Ferreira, “A Exposição de Arte do Oriente Islâmico”, *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, Lisboa, VOL. 5, n.º2, 1963-1964, pág.. 24.

⁹¹ VID.: José de Azeredo Perdigão, “3.ª PARTE - “A Obra Realizada em Portugal”, Capítulo 2.º - Arte, 2.º. – “MUSEU – Colecção Calouste Gulbenkian”, *III relatório do Presidente*, Lisboa: F.C.G., s/data, pág. 88.

⁹² IN.: Maria Teresa Gomes Ferreira, “A Exposição de Arte do Oriente Islâmico”, *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, Lisboa, VOL. 5, n.º2, 1963-1964, pág. 24.

4. Porto, 8 Junho a 18 Outubro 1964

Local de realização: Porto, Museu Nacional Soares dos Reis (galerias de exposição permanente⁹⁴)

Período em que esteve patente: 8 de Junho a 18 de Outubro de 1964⁹⁵

Organização da exposição: Serviço do Museu da FCG.

Montagem: Serviço de Projectos e Obras da FCG.⁹⁶

Título da exposição: *Artes Plásticas Francesas de Wateau a Renoir: Colecção da Fundação Calouste Gulbenkian*

Acervo (n.º de obras): 103 obras.

No prefácio do catálogo desta exposição é especificado o contexto em que ela surgiu: «Quando da realização, no Museu Nacional de Arte Antiga, da Exposição de Pintura da Colecção, manifestou a cidade do Porto, por intermédio do Director do Museu Nacional Soares dos Reis, senhor doutor Manuel Figueiredo, o desejo de que a mesma exposição fosse apresentada naquela cidade. [...]

A exposição apresentada no Porto diferiu algum tanto, porém, da realizada em Lisboa. Por um lado reconheceu-se não ser aconselhável a deslocação de muitas peças que nela figuravam, dada a sua fragilidade e delicadeza; por outro, a Fundação quis apresentar algumas peças ainda desconhecidas do público.».⁹⁷

⁹³ VID.: [Artigo não assinado], “Página iluminada de um *bustan* de Sadi”, n.º 25, Outubro de 1963, pp. 30-31.

⁹⁴ «A Fundação Calouste Gulbenkian manifesta o seu reconhecimento [...] ao Senhor Dr. Manuel Figueiredo, Director do Museu Nacional Soares dos Reis, pela excelente colaboração e entusiasmo que tornaram possível a realização desta exposição, mesmo à custa do sacrifício das galerias de exposição permanente do seu museu.» IN.: FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN / SERVIÇO DE MUSEU, [Prefácio], *Artes Plásticas francesas de Wateau a Renoir: Colecção da Fundação Calouste Gulbenkian*, Lisboa: F.C.G., 1964, [pág. 5].

⁹⁵ Segundo indicação dada em Maria Teresa Gomes Ferreira, “Colecção da Fundação Calouste Gulbenkian. Exposição de Artes plásticas francesas de Wateau a Renoir. Aspectos museológicos”, IN.: MUSEU, Porto, 2.ª s, N.º 8, pág. 20.

⁹⁶ Segundo indicação no catálogo da exposição: FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN / SERVIÇO DE MUSEU, *Artes Plásticas francesas de Wateau a Renoir: Colecção da Fundação Calouste Gulbenkian*, Lisboa: F.C.G., 1964, [pág. 4].

⁹⁷ IN.: FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN / SERVIÇO DE MUSEU, *Artes Plásticas francesas de Wateau a Renoir: Colecção da Fundação Calouste Gulbenkian*, Lisboa: F.C.G., 1964, [pág. 5].

Este texto seria depois inserido por JAP no seu relatório oficial trianual VID: José de Azeredo Perdigão, 3.ª PARTE - “A Obra Realizada em Portugal”, Capítulo 2.º - “Arte”, 2º. – “MUSEU – Colecção Calouste Gulbenkian”, *III Relatório do Presidente*, Lisboa: F.C.G., s/data, pág. 88.

Jean Porcher, Jean Henri Adhémar e Charles Sterling colaboraram directamente na elaboração deste catálogo.⁹⁸

Friso a qualidade deste documento, contendo ficha de catálogo para as 103 obras expostas e reproduzindo fotografias a p/b da totalidade das obras expostas.

Em 1964, foram publicados na revista MUSEU dois artigos sobre esta exposição. Um da autoria da Conservadora-chefe da FCG, em que se debruça sobre os «aspectos museológicos» desta exposição⁹⁹, e um outro da Conservadora Maria Helena Melo, sobre a pintura exposta¹⁰⁰.

⁹⁸ «Para a elaboração do catálogo muito contribuíram as informações amavelmente prestadas pelos especialistas consultores, Senhores Jean Porcher e Jean Adhèmar, conservadores-chefes respectivamente das secções de Manuscritos e Estampas da Biblioteca Nacional de Paris, Pierre Pradel, conservador-chefe da Secção de Esculturas do Museu do Louvre e Charles Sterling, conservador da Secção de Pintura do Museu do Louvre e Professor de História da Arte na Universidade de Nova Iorque.». IN.: FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN / SERVIÇO DE MUSEU, *Artes Plásticas francesas de Watteau a Renoir: Colecção da Fundação Calouste Gulbenkian*, Lisboa: F.C.G., 1964, [pág. 5].

⁹⁹ VID.: Maria Teresa Gomes Ferreira, “Colecção da Fundação Calouste Gulbenkian. Exposição de Artes plásticas francesas de Watteau a Renoir. Aspectos museológicos”, IN.: MUSEU, Porto, 2.^a s, N.º 8, pp. 20-27.

¹⁰⁰ VID.: Maria Helena Melo, “A Pintura na Exposição «Artes Plásticas Francesas» da Colecção Gulbenkian”, IN.: MUSEU, Porto, 2.^a s, N.º 8, pp. 28-36.

5. Oeiras, 20 de Julho de 1965 a 24 de Novembro 1967

Local de realização: Oeiras, Palácio Pombal.

Período em que esteve patente: 20 de Julho de 1965 a 24 Novembro 1967.

Organização da exposição: Serviço do Museu da FCG.

Montagem: Serviço de Projectos e Obras da FCG

Título da exposição: *Obras de Arte da Colecção Calouste Gulbenkian. Palácio Pombal / Oeiras*

Acervo (n.º de obras): 307 obras (prevendo-se uma rotatividade)

Um «museu provisório»¹⁰¹, com «rotatividade do acervo».

Intitulada «Obras de Arte da Colecção Calouste Gulbenkian» esta exposição foi inaugurada no Palácio Pombal, em Oeiras, no dia 20 de Julho de 1965, no âmbito das comemorações do X aniversário da morte de Calouste Gulbenkian.¹⁰²

A montagem da exposição esteve a cargo do SPO.¹⁰³

«A decisão, tomada pelo Conselho de Administração da Fundação, de fazer no Palácio Pombal a referida exposição foi ao encontro do grande interesse manifestado por muitos amadores e críticos de arte, tanto nacionais como estrangeiros, de ver a colecção ou, pelo menos, as suas obras mais valiosas antes de serem apresentadas, com carácter definitivo, no museu em construção em Lisboa.

Para o efeito efectuaram-se em algumas salas do Palácio de Oeiras vários trabalhos de restauro, orientados no sentido, não de instalar nelas um verdadeiro museu, mas de as preparar a receber, sem as diminuir, as peças que pretendíamos expor.

¹⁰¹ IN: José de Azeredo Perdigão, 1.ª PARTE – Preâmbulo: Capítulo 3.º -Factos mais importantes, relacionados com a vida da Fundação, sucedidos no triénio. A) Comemoração do 10º Aniversário da morte de Calouste Gulbenkian“, *III Relatório do Presidente*, Lisboa: F.C.G., s/data, pág. 16.

¹⁰² O programa das comemorações do X Aniversário da morte de Calouste Gulbenkian, iniciou-se com uma missa em sua memória (na Igreja der Nossa senhora de Fátima), a que se seguiu a inauguração da estátua do Fundador, no Parque Calouste Gulbenkian; a inauguração do Planetário Calouste Gulbenkian e a inauguração de uma exposição de obras da Colecção da F.C.G. no Palácio Pombal, em Oeiras. VID.: José de Azeredo Perdigão (sem data): *III Relatório do Presidente*, Lisboa: F.C.G., s/data, 1.ª PARTE – “Preâmbulo”, Capítulo 3.º -“Factos mais importantes, relacionados com a vida da Fundação, sucedidos no triénio”, A) “Comemoração do 10º Aniversário da morte de Calouste Gulbenkian“, pág. 16.

¹⁰³ No *III Relatório do Presidente*, no capítulo sobre o «Serviço de Projectos e Obras» JAP informa que durante o triénio 1963-1965, o S.P.O. «colabora activamente, com os autores do projecto dos edifícios da Sede e do Museu e respectivas dependências, e com os autores dos projectos de todas as suas instalações electromecânicas, demais equipamentos e decorações; [...] [e que] colabora nos estudos para a instalação do Museu definitivo em construção em Lisboa; e [ainda que] colaborou com o Serviço de Museu na montagem da exposição temporária levada a efeito no Palácio Pombal, em Oeiras;» IN.: José de Azeredo Perdigão, “3.ª PARTE - “A Obra Realizada em Portugal”, Capítulo 6.º - “Serviço de Projectos e Obras”, *III Relatório do Presidente*, Lisboa: F.C.G., s/data, pág. 205.

Ao mesmo tempo procedeu-se, tanto quanto possível, à reintegração, na sua traça primitiva, dos jardins anexos ao palácio e, nas terras que haviam sido pomar, foi criado um jardim botânico que contem 250 espécies de flores exóticas adaptáveis ao nosso clima, jardins a que o público também tem acesso.

O conjunto constituído pelo museu provisório e os jardins mereceu logo, os maiores elogios das entidades que assistiram à inauguração e, a seguir, dos milhares de pessoas que os têm visitado.».¹⁰⁴

«A ala central do piso nobre do Palácio Pombal, em Oeiras, [foi] especialmente adaptada para nela se apresentarem, até ser inaugurado o futuro museu Gulbenkian, os principais núcleos da colecção.» Três grandes objectivos presidiram a esta iniciativa do Conselho de Administração: homenagear a memória do Fundador; corresponder ao natural desejo do público, apreciar os tesouros artísticos da Colecção, antes da abertura do Museu; e, finalmente, facultar a visita ao Palácio Pombal, edifício de grande interesse histórico e artístico. «Ponderados devidamente os problemas relativos à conservação da colecção e do palácio, adoptaram-se os sistemas de iluminação, condicionamento de ar e segurança que foram julgados mais convenientes. Uma vez definidas as galerias destinadas à apresentação das espécies da colecção e na impossibilidade de aumentar a área respectiva, houve que proceder a uma criteriosa selecção das obras de arte, que se procura compensar com o estabelecimento de períodos de rotação.».¹⁰⁵

Da programação desta exposição fizeram parte conferências, visitas guiadas e várias publicações.

«Foi editado o primeiro álbum da série *Colecção Calouste Gulbenkian*, dedicado a *Francesco Guardi*;. Foram também publicados, além do roteiro da exposição, cartazes, postais ilustrados e diapositivos coloridos de algumas das peças expostas e programaram-se ciclos de conferências, a proferir por especialistas, e visitas guiadas.».¹⁰⁶

O roteiro da exposição incluía os 307 objectos expostos.

¹⁰⁴ IN: José de Azeredo Perdigão, “I PARTE – “Preâmbulo”, Capítulo 3.º - “Factos mais importantes, relacionados com a vida da Fundação, sucedidos no triénio”, A) “Comemoração do 10º Aniversário da morte de Calouste Gulbenkian”, *III Relatório do Presidente*, Lisboa: F.C.G., s/data, pág. 16.

¹⁰⁵ IN.: José de Azeredo Perdigão, “3.ª PARTE - “A Obra Realizada em Portugal”, Capítulo 2.º - “Arte”, 2º. – “MUSEU – Colecção Calouste Gulbenkian”, *III Relatório do Presidente*, Lisboa: F.C.G., s/data, pág. 89.

¹⁰⁶ IN.: José de Azeredo Perdigão, “3.ª PARTE - “A Obra Realizada em Portugal”, Capítulo 2.º - “Arte”, 2º. – “MUSEU – Colecção Calouste Gulbenkian”, *III Relatório do Presidente*, Lisboa: F.C.G., s/data, pág. 89.

Da leitura do texto de apresentação desta publicação podemos inferir que esta exposição previa uma rotatividade do seu acervo: «O presente roteiro, que o limitado do tempo obrigou a organizar provisoriamente por secções, inclui todas as peças expostas. As obras que venham a expor-se futuramente serão descritas em folhas avulsas, a apensar ao original. Não é certamente uma solução ideal, mas a que, dadas as circunstancias, nos parece servir melhor o fim em vista: por à disposição do visitante uma publicação que possa orientá-lo e esclarecê-lo.»¹⁰⁷

O Palácio de Oeiras, adquirido em 1957 pela FCG e adaptado para acolher a extraordinária colecção com diversíssimas exigências de conservação, assumiu-se a tal ponto um «museu provisório» que até reservas visitáveis teve: «No decurso do triénio [1963-1965] vários especialistas qualificados e outras personalidades foram autorizados a visitar as reservas da colecção, conservadas no Palácio Pombal, em Oeiras, não expostas.»¹⁰⁸

A 25 de Novembro de 1967, o Tejo sofreu umas cheias catastróficas. Os danos sofridos pela Colecção da FCG, e pelo edifício outrora pertencente ao Marquês de Pombal, foram imensos.¹⁰⁹ Milhares de objectos da colecção tiveram que ser sujeitos a campanhas de restauro urgentes e ultra especializadas.

¹⁰⁷ IN.: F.C.G. - SERVIÇO DO MUSEU GULBENKIAN, *Obras de Arte da Colecção Calouste Gulbenkian. Palácio Pombal / Oeiras*, [Lisboa: F.C.G.], 1965, pág. 2.

¹⁰⁸ IN.: José de Azeredo Perdigão, “3.ª PARTE – “A Obra Realizada em Portugal”, Capítulo 2.º - “Arte.”, 2º. – “MUSEU – Colecção Calouste Gulbenkian” *III Relatório do Presidente*, Lisboa: F.C.G., s/data, pág. 89.

Rodolfo Pallucchini, no início do seu artigo sobre as «Vedute» de Guardi pertencentes à Fundação Calouste Gulbenkian, refere que em 1964, a convite de JAP, e com o apoio da Conservadora-chefe MTGF e da Conservadora Maria Helena Maia e Melo, visitara a colecção «durante um dia inteiro»¹⁰⁸ da Fundação e, em particular as pinturas de Francesco Guardi: «Je remercie vivement de Dr. José de Azeredo Perdigão, Président du Conseil d’Administration de la Fondation Calouste Gulbenkian de Lisbonne, d’avoir bien voulu m’inviter à visiter la collection et, en particulier à étudier les oeuvres de Francesco Guardi. Je suis heureux de remercier également Madame Maria Teresa Gomes Ferreira, conservateur en chef de la Fondation et Mademoiselle Maria Helena Maia e Melo, conservateur, pour leur aimable concours durant ma visite de la collection.» IN.: Rodolfo Pallucchini, *Les «Vedute» de Guardi à la Fondation Gulbenkian*, Lisboa: F.C.G., 1965, nota 1, pág. 15.

¹⁰⁹ O Engenheiro Alderico Santos Machado (era o Engenheiro Coordenador da obra da sede e do museu e entrara para a FCG em 1960, trabalhando directamente com LGL) testemunha sobre os efeitos que este temporal teve no estaleiro da Av. de Berna. VID.: TOSTÕES (2006 b.): “Alderico Santos Machado (Engenheiro Coordenador da obra)”, *13 Testemunhos*, DVD.

As «inundações causaram avultados prejuízos atrasando as obras em seis meses.» IN.: TOSTÕES (2006 a.): CD-ROM: CATÁLOGO: Capítulo 5: «Do projecto à obra. 1961-1969. 1967»: pág. 8. As águas causaram graves danos na colecção do MCG guardada no Palácio de Pombal em Oeiras. Uma acta de uma reunião da Comissão Delegada do Conselho de Administração, datada de 14 de Dezembro desse ano, informa sobre as consequências das inundações: «perda total de uma tela de Guardi; recuperação da tábua de Carpaccio “A Virgem, o Menino e os Doadores”; recuperação total dos vidros e das cerâmicas; situação preocupante com os manuscritos; visita de vários peritos em restauro; possível criação de um instituto de restauro em Lisboa.» IN.: [Acta da] Reunião da Comissão Delegada [do Conselho de Administração]. Situação relativa às inundações de 1967, 14 de Dezembro de 1967.

A FCG chamou especialistas de renome, que se deslocaram a Oeiras (também houve objectos que foram restaurados no estrangeiro) para procederem a intensivas acções de restauro.

Encarando este cataclismo numa perspectiva optimista, refiro que se criaram condições de aprendizagem de excelência para um conjunto de investigadores nacionais que viriam, também eles, a ser personalidades de destacada qualidade profissional na área da investigação e museus nacionais.¹¹⁰

CITADA IN: TOSTÕES (2006 a.): CD-ROM: CATÁLOGO: Capítulo 5: «Do projecto à obra. 1961-1969. 1967», pág. 8.

Sobre esta questão VID. tb. o catálogo da exposição temporária do MCG: Maria Teresa Gomes Ferreira; Maria Helena Soares da Costa, (Coord. geral), *Museu Calouste Gulbenkian. Do Bisturi ao Laser: Oficina de Restauro*, Lisboa: F.C.G., 1995.

¹¹⁰ Na sessão inaugural deste curso de Mestrado em Museologia e Património, a 4 de Março de 2005, a Doutora Adília Alarcão referiu quanto foi importante a formação que recebeu, bem como outros técnicos superiores, no âmbito das campanhas de restauro de peças da Colecção da FCG. Adília Alarcão fez parte da equipa de arqueólogos que, em 1962, esteve ligada à criação do Museu Monográfico de Conímbriga, do qual foi Directora durante mais de 30 anos. Entre 1999 e 2005, foi Directora do Museu Nacional Machado de Castro.